



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS BLUMENAU
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

BEATRIZ BONELLI MAFRA

Matemáticos Miseráveis: uma articulação entre Teatro Épico, Educação Matemática, e
História da Matemática a partir da vida de Évariste Galois

Blumenau

2024

Beatriz Bonelli Mafra

Matemáticos Miseráveis: uma articulação entre Teatro Épico, Educação Matemática, e
História da Matemática a partir da vida de Évariste Galois

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de
Licenciatura em Matemática do Campus Blumenau da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Faria Corrêa
Coorientador: Prof. Dr. Guilherme Wagner

Blumenau

2024

Mafra, Beatriz Bonelli

Matemáticos Miseráveis : uma articulação entre Teatro Épico, Educação Matemática, e História da Matemática a partir da vida de Évariste Galois / Beatriz Bonelli Mafra ; orientador, Júlio Faria Corrêa, coorientador, Guilherme Wagner, 2024.

74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Blumenau, Graduação em Matemática - Licenciatura, Blumenau, 2024.

Inclui referências.

1. Matemática - Licenciatura. 2. educação matemática. 3. Teatro Científico. 4. História da Matemática. 5. Évariste Galois. I. Corrêa, Júlio Faria. II. Wagner, Guilherme. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Matemática - Licenciatura. IV. Título.

Beatriz Bonelli Mafra

Matemáticos Miseráveis: uma articulação entre Teatro Épico, Educação Matemática, e História da Matemática a partir da vida de Évariste Galois

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de licenciatura em Matemática e aprovado em sua forma final pelo Curso Licenciatura em Matemática.

Blumenau, 10 de dezembro de 2024.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Júlio Faria Corrêa, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Guilherme Wagner, Dr.
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Cintia Rosa da Silva, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Jocemar de Quadros Chagas, Dr.
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Blumenau, 2024

AGRADECIMENTOS

A Joice e Luciano, meus pais, a quem devo tudo que sou. Com vocês, eu sinto que o palco nunca está vazio, e vou estar sempre os aplaudindo de pé. Agradeço por todos os incentivos, ensinamentos, carinhos, apoio, paciência... enfim, por todo o amor.

Ao Lorenzo, meu amor. Sem você ao meu lado, me puxando de volta para o presente, dissipando minhas ansiedades, eu não teria sido capaz de terminar este trabalho. Obrigada por tudo.

Ao CasAmarela, ao Broduei, ao eterno Atividade Independente, a todos meus parceiros de cena, um abraço apertado! Um agradecimento especial ao Thiago, que no meio de suas próprias obrigações, se dispôs a ler a dramaturgia, deu retornos essenciais, e manteve sempre a chama acesa; à Duda Belém, que ouviu minhas ideias desde o comecinho, e garantiu que eu nunca desistisse delas; à Carol, que aguentou minhas divagações a cada mínima descoberta histórica; e a Lux, que me ajudou a, finalmente, dar um título a essa peça.

Aos meus colegas da graduação, pelas risadas, pela amizade, por estarem lá por mim, até nos momentos mais difíceis. Nunca vou esquecer das tardes na SOMA, onde, às vezes, o estudo se torna secundário às fofocas, aos debates acalorados sobre temas bobos, e aos cubos mágicos. Um agradecimento maior ainda, a quem começou essa jornada comigo, minha turma: Ana, João e Fernando. Já morro de saudades de vocês.

A meus professores da graduação. Sem suas lições, não teria sido capaz de chegar até aqui. Graças a vocês, cresci muito desde que cheguei à universidade. Saio daqui confiante, com motivação para ensinar assim como fui ensinada. E, agradeço a meus professores do ensino básico. Lembro com muito carinho do meu tempo de escola, de cada um de vocês. Obrigada por construírem um fundamento tão sólido na minha formação.

A meus orientadores, Júlio, que confiou nesse projeto desde o dia que nos conhecemos, por me dar a oportunidade de estudar mais a fundo esse assunto que é tão importante para mim, e por iluminar cada uma das dúvidas que apareceram no caminho; e Guilherme, que topou entrar na metade do caminho, chegou com uma visão essencial e muito conhecimento para agregar. Obrigada por estarem comigo nessa jornada. Se eu tenho orgulho do que criei, é por causa de vocês.

Agradeço a matemática, o teatro e à universidade pública!

*“E, na manhã seguinte, a ciência e a liberdade
haviām recuperado seu mais digno adepto.”*
(Raspail, 1839, p. 91)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é criar uma dramaturgia de Teatro Épico que contemple uma compreensão histórica e social da vida de Évariste Galois para além de seus mitos. Para alcançar esse objetivo geral, temos como objetivos específicos interpretar a história de Galois através de seu contexto sócio-cultural; analisar a articulação teatro e educação matemática; compreender o Teatro Épico; e, ao final, justificar criticamente a dramaturgia elaborada. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a relação teatro e educação matemática, uma investigação sobre a história de Évariste Galois com ênfase em seu contexto político, e, por fim, foram articulados esses estudos com a concepção de Teatro Épico. Finalmente, o Teatro Épico de Bertolt Brecht se mostrou um importante elemento para contar essa história que traz paralelos com questões ainda presentes na sociedade, como a democratização do conhecimento matemático e a importância do trabalho coletivo na transformação social.

Palavras chave: educação matemática; Teatro Científico; Teatro Épico; História da Matemática; Évariste Galois.

ABSTRACT

The aim of this work is to create a dramaturgy of Epic Theatre that encompasses a historical and social understanding of Évariste Galois's life beyond its myths. To achieve this general objective, the specific goals are to interpret Galois's story through his socio-cultural context; to analyze the connection between theatre and mathematical education; to reach an understanding of Epic Theatre; and, finally, critically justify the final dramaturgy. To this end, a bibliographical review on the relationship between theatre and mathematical education was conducted, an investigation into the history of Évariste Galois was carried out with an emphasis on his political context, and these studies were then integrated with the concept of Epic Theatre. Ultimately, Bertolt Brecht's Epic Theatre proved to be an important element in telling this story that draws parallels with issues still present in society, such as the democratization of mathematical knowledge and the importance of collective work in social transformation.

Keywords: mathematical education; Science Theatre; Epic Theatre; History of Mathematics; Évariste Galois.

SUMÁRIO

1 ABREM-SE AS CORTINAS.....	9
2 SOBRE TEATRO-MATEMÁTICA-HISTÓRIA.....	11
2.1 TEATRO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....	12
2.2 HISTÓRIA DA MATEMÁTICA.....	14
2.3 TEATRO ÉPICO.....	18
3 ANÁLISE DA DRAMATURGIA.....	21
3.1 DECISÕES HISTÓRICAS.....	24
3.1.1 Paralelos políticos.....	24
3.1.2 Escola dual.....	25
3.1.3 Demonstrações.....	25
3.1.4 Duelo.....	26
3.1.5 Pescheux.....	26
3.1.6 Ciência Colaborativa.....	27
4 A DRAMATURGIA.....	28
5 FECHAM-SE AS CORTINAS.....	61
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

1 ABREM-SE AS CORTINAS

Sou filha de dois professores que se conheceram no teatro. Eles sempre incentivaram muito a minha educação, estavam sempre dispostos a me ajudar com minhas tarefas, projetos, e trabalhos, mesmo que eles estivessem com notas para postar e tarefas, projetos, e trabalhos, para corrigir. Assim, tive facilidade para aprender a ler e fazer continhas. Também conheci o teatro cedo, assistia as peças que eles montavam nas horas vagas, através de editais de incentivo à cultura. Comecei a ter aulas de teatro com meu pai com nove anos, até me formar com dezoito.

Gosto muito de matemática, mas não foi só por isso que decidi por esse curso, afinal, eu gosto muito de diversas coisas. A decisão, na verdade, foi um ato de revolta. Meus amigos tinham dificuldade nessa matéria, mas quando eu sentava com eles e explicava com calma eles entendiam. Coloquei culpa, então, na forma do meu professor ensinar, e não só ele, mas todos os professores de matemática que vieram antes! Meus amigos não eram burros, ninguém é intrinsicamente “burro”, e eu sabia disso porque bastava tomar um tempo a mais para eles. Como era possível ele distribuir notas baixas, e mexer com a autoestima dessas pessoas que eu gostava tanto, sem nem tentar com mais afinco fazer com que eles compreendam? Eu queria fazer diferente. Hoje sei como é difícil, e tenho um novo apreço por esse professor, mas ainda lembro desse fervor que senti na adolescência, quando penso em desistir da profissão.

Nessa mesma época, eu tive um excelente professor de história. Eu também gosto muito de história. Ele explicava tudo se movimentando pela sala com um bastão, que servia como objeto de cena para tudo que ele narrava. Ele escrevia muito pouco no quadro, porém, no caderno, eu escrevia de tudo. Era quase uma transcrição, porque as palavras que ele usava faziam tudo fazer sentido. O mais legal era que ele chamava os alunos pelo nome. Assim que eu começava a me perder nos meus pensamentos, “Beatriz, quais foram as causas da I Guerra Mundial?” e era fácil de responder, porque ele havia repetido com essas palavras várias vezes, fazendo conexões. Então ele me puxava de volta pro presente, ao mesmo tempo que faziam minhas sinapses traçar um caminho para me lembrar da resposta pra sempre. E quem respondia de forma certa e completa ganhava uma balinha. Desde que me decidi por matemática, fico quebrando a cabeça sobre como aplicar seu método nessa matéria.

Me formei no Ensino Médio em 2019, logo depois veio a pandemia.

Durante a pandemia, fiquei sabendo, através de um grupo online de piadas matemáticas, de uma história engraçada. Um matemático que morreu com 20 anos, a mesma idade que eu tinha, e que revolucionou a álgebra. Morreu por causa de um duelo - essa era a parte que era para ser engraçada, alguém tão genial morrer de um jeito tão bobo. Só que o que realmente me interessou foi descobrir que ele era mesmo revolucionário, no sentido que lutava por uma república no momento em que a França estava novamente sob o reinado de um rei, depois da Revolução Francesa. O nome desse matemático é Évariste Galois. Pesquisei sobre o assunto o quanto pude por conta própria, tratando cada carta e rabisco dele que sobreviveu até hoje como um tesouro intrigante. Foi assim até conhecer meu orientador, Júlio Faria Corrêa, tendo já voltado à forma presencial de ensino na UFSC.

Em 2022, a partir de um profundo desejo de movimentar novamente a cena teatral da minha cidade (Brusque), eu, minha família, e amigos próximos, formamos o grupo do Teatro CasAmarela. Nosso espetáculo de estreia, *Origens*, foi a primeira vez que experimentei trabalhar com dramaturgia. Não o fiz sozinha, essa peça foi escrita por onze mãos. Eu e minha parceira de cena, K'roll Oliveira, escrevemos sobre a relação entre Ícaro, um jovem ambicioso que morreu cedo demais, e seu pai.

Durante os últimos três anos, também participei do grupo do curso de teatro da Fundação Cultural de Brusque. Somos dirigidos por Thiago Roliude, outro membro do CasAmarela. No primeiro ano desse curso, montamos *A Tempestade*, de Shakespeare, e *Aquele que diz, aquele que diz não*, de Brecht - meu primeiro contato com o dramaturgo. Em 2023, foi *O Auto da Compadecida*. Em 2024, não só atuei, como também fiz parte do módulo de escrita da peça autoral *O Jardim das Criaturas*, que surgiu a partir de um processo de colagem: cada linha de diálogo veio de uma peça diferente, costuradas em uma nova história concisa. Li muito teatro para concluir esse último, e isso foi essencial para a escrita da dramaturgia presente neste trabalho.

Meu pai é outra grande referência. Em 2012, ele montou o espetáculo de mini-teatro¹ *Pintor de Palavra*, sobre Vincent Van Gogh. Nessa peça, o texto é quase integralmente composto de fragmentos de cartas que Van Gogh escreveu a seu irmão. Meu pai foi minha primeira influência teatral e eu vi esse espetáculo sendo criado, e o assisti, depois, inúmeras vezes desde os meus 10 anos. Não é de todo surpreendente que no meu subconsciente eu estivesse emulando esse processo, transformando documentos em dramaturgia. Ter essa

¹ Essencialmente, um lambe-lambe (teatro dentro de uma caixa, em que uma pessoa apresenta e uma assiste, geralmente tem de 1 a 3 minutos de duração) maior, com 25 minutos de duração e audiência de 15 pessoas.

adaptação teatral de cartas por um artista tão próximo a mim, me fez acreditar neste projeto desde o princípio.

Assim como uma certa figura histórica, o personagem principal do meu trabalho, com suas ambições distintas que parecem confundir o público geral, eu não tenho só uma grande paixão; é mais como se eu tivesse três. E, por isso, neste trabalho de pesquisa, procuro articular os campos da educação matemática, da história da matemática, e da dramaturgia teatral.

Nosso objetivo é criar uma dramaturgia de Teatro Épico que contempla uma compreensão histórica e social da vida de Évariste Galois para além de seus mitos. Para alcançar esse objetivo geral, temos como objetivos específicos interpretar a história de Galois através de seu contexto sócio-cultural; analisar a articulação teatro e educação matemática; compreender o Teatro Épico; e, ao final, justificar criticamente a dramaturgia elaborada.

Assim, o trabalho está dividido da seguinte forma: revisões bibliográficas sobre cada um dos tópicos na seção 2, resumo e análise crítica da dramaturgia na seção 3, a dramaturgia (título, autora, lista de personagens e treze cenas) na seção 4, considerações finais na seção 5 e, por fim, referências bibliográficas. Decidimos trazer também, em anexo, uma importante fonte primária para a elaboração deste trabalho, que será comentada na seção de História da Matemática.

2 SOBRE TEATRO-MATEMÁTICA-HISTÓRIA

Em um primeiro momento, foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações uma busca avançada por “história”, “teatro” e “matemática”, o que retornou 28 resultados que continham todos os três termos. Desses, oito eram especificamente sobre matemática, e não sobre ciências em geral, e envolviam história da matemática. Foi assim que encontrei o artigo “Educação Matemática, Teatro e Matemática Escolar: problematizações foucaultianas” de Juliano Espezim Soares Faria e Claudia Glavam Duarte, que é a principal base da discussão do subcapítulo 2.1.

A pesquisa em História da Matemática, apresentada na seção 2.2, começou com a bibliografia da disciplina de História e Filosofia da Matemática do curso de Licenciatura em Matemática da UFSC Blumenau currículo 2017-1. Foi aproveitada boa parte da pesquisa sobre a história de Galois que realizei no primeiro semestre de 2023 como iniciação científica, que visou compreender do ponto de vista ético-político as posições desse

matemático. O resultado foi um trabalho de microhistória em que se entende que sua luta pela revolução estava relacionada, também, a uma luta pela democratização da ciência.

Através dos livros de Anatol Rosenfeld sobre Teatro Épico, foi possível entender as principais diferenças e semelhanças entre esse gênero e o dramático, e foi tomada a decisão de seguir com o teatro Épico de Bertold Brecht para este trabalho, e outros textos de Brecht também corroboram essa resolução. Os argumentos serão apresentados na seção 2.3.

A seguir se encontram as revisões bibliográficas por tópico.

2.1 TEATRO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Aqui, houve uma intenção de descobrir quais relações já haviam sido traçadas entre Teatro e educação matemática. Uma das oito teses e dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações já analisava justamente isso. Faria e Duarte (2022) fizeram uma busca menos restritiva, e encontraram mais trabalhos que relacionavam teatro e matemática. Na verdade, o autor notou que ao invés de uma relação, palavra que leva a entender que os dois objetos estão balanceados, ocorria uma atração do teatro pela educação matemática.

Verifica-se as três principais maneiras em que o teatro é atraído pela educação matemática na literatura atual. Segundo Faria e Duarte (2022, p. 7):

A primeira refere-se às supostas potencialidades de realizar propostas pedagógicas de carácter lúdico, interdisciplinar, realístico, contextual e dinâmico. A segunda, sobre o aprendizado dos alunos, os quais desenvolveriam a criticidade, a expressão oral e corporal, o exercício da liberdade e aprender com as experiências de vida de outras pessoas a partir das encenações além de melhorar a relação entre professor e aluno. [...] A terceira característica se refere aos professores que desenvolveriam a expressão oral e corporal que impactariam na melhora da dicção e desinibição, e ao desenvolver tais práticas adotariam uma postura proativa e inovadora.

Assim, as pesquisas analisadas por Faria e Duarte (2022) constroem uma argumentação de que a matemática é difícil, desmotivadora e, então, propõem que o Teatro favorece o aprendizado da Matemática Escolar. A tensão de Faria e Duarte sobre essa frase se dá pela preocupação de que nenhuma das três justificativas centralizam conteúdos matemáticos, o que pode insinuar que a matemática por si mesma é ruim, ou enfadonha.

No texto de Faria e Duarte (2022) não há menção ao nome ‘Teatro Científico’ (TC). Esse é um conceito recente que está começando a ser explorado em pesquisas acadêmicas, envolve peças de teatro com temática científica que favorecem a divulgação, ou educação científica (Moreira; Marandino, 2015). Percebe-se que a divulgação científica pode se dar

simultaneamente em objetos muito distintos, como “A evolução da Física [...]; a criação do canal de TV *Discovery Channel*, em 1985; o lançamento da revista *Superinteressante*, em 1987 ou da enciclopédia *Conhecer*, em 1966; a publicação em 1982 da revista *Ciência Hoje*” (Massola; Crochik; Svartman *apud* Lopes e Dahmouche, 2019, p. 309). E assim, o Teatro Científico não tem um significado único.

Portanto, o Teatro Científico abrange festivais, como o evento *Ciência em Cena* que completou sua décima-sétima edição em 2024; dramaturgias clássicas, como *Vida de Galileu* (1956), de Bertolt Brecht, *Os Físicos* (1960), de Friedrich Dürrenmatt, e *O Caso Oppenheimer* (1964); e, inclusive, os trabalhos que professores da educação básica realizam com seus alunos - não é uma questão de se apropriar do teatro, já que mesmo em âmbitos não relacionados à ciência, existe teatro profissional e amador (Moreira; Marandino, 2015). Seriam todos esses, sem exceções, exemplos da “atração” do teatro pela educação matemática? “O teatro de temática científica deixa de ser arte por assumir um caráter mais pedagógico?” (Moreira; Marandino, 2015, p. 514). Lopes e Dahmouche observam que equilibrar esses dois campos, em uma relação,

Não se trata de tarefa simples. Exige consciência da complexidade que envolve a interação dos temas relacionados na discussão proposta, e sensibilidade para identificar os meandros por entre os quais artes e ciências estabelecem pontos de contato ou afastamento, sejam eles ditados por razões históricas, metodológicas, circunstanciais, sociais ou políticas, ou, ainda, pela conjunção simultânea de tais pontos. (Lopes e Dahmouche, 2019, p. 308)

Não é tarefa simples, mas pode levar a resultados surpreendentes. A ciência de Galileu Galilei não aparece só como um elemento da história de uma peça, mas também no modo de fazer teatro de Brecht - relação que será mais aprofundada no capítulo de Teatro Épico. “Nessa perspectiva, o teatro evidencia aspectos da ciência como elementos para uma reflexão existencial, levando o homem a questionamentos profundos a respeito do sentido da existência no mundo e da responsabilidade pelos seus feitos, gerando questões sobre o sentido da história, da vida e da morte.” (Moreira; Marandino, 2015, p. 513). Essa ideia se torna ainda mais pertinente na Matemática, tão popularmente associada com exatidão, perfeição e constância, que o cientista que inspirou Brecht a conectou ao divino².

² Comumente se atribui a frase “a Matemática é a linguagem com a qual Deus escreveu o Universo” a Galilei, o que ele realmente escreveu foi “A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto” (GALILEI, 1973, p. 119).

Não se trata de dispensar ou banalizar a Ciência, e sim de admitir que “embora as repercussões das produções científicas atinjam a vida de todos, seus benefícios não são igualmente disponibilizados para as várias camadas da população” (Lopes e Dahmouche, 2019, p. 309). Nesse momento, muitas pessoas estão sob a impressão que a Matemática é para poucos gênios, e não se sentem capazes de discutir com esses seres sobre-humanos, nem pelos seus benefícios. Um dos objetivos do campo da História da Matemática é justamente humanizar essa ciência, como veremos a seguir.

2.2 HISTÓRIA DA MATEMÁTICA

Segundo Antônio Miguel (1997) existem três argumentos principais para o potencial da História da Matemática, entre eles a História como forma de motivar os alunos, e também como possibilidade de estudar os métodos usados historicamente na matemática. O outro argumento envolve uma lista de objetivos de educação matemática que a História pode ajudar a atingir, como:

- a) a matemática como uma criação humana;
- b) as razões pelas quais as pessoas fazem matemática;
- c) as necessidades práticas, sociais, econômicas e físicas que servem de estímulo ao desenvolvimento das idéias matemáticas;
- d) as conexões existentes entre matemática e filosofia, matemática e religião, matemática e lógica, etc. e a curiosidade estritamente intelectual que pode levar à generalização e extensão de idéias e teorias; as percepções que os matemáticos têm do próprio objeto da matemática, as quais mudam e se desenvolvem ao longo do tempo;
- g) a natureza de uma estrutura, de uma axiomatização e de uma prova. (Miguel, 1997, p. 77)

Percebe-se uma interseção entre os objetivos que a História da Matemática potencializa na educação com os argumentos a favor do Teatro Científico na sessão anterior, o Teatro e a História são dois modos de apresentar uma matemática humana. Tendo em vista esse objetivo, este trabalho optou por estudar a vida e obra de Évariste Galois.

Até a década de 80, o que se tinha na literatura de História da Matemática, do século XX, sobre o Galois, eram passagens em que chamavam ele de tolo, devido às circunstâncias de sua morte. Tony Rothman, em 1982, sentiu a necessidade de compilar as instâncias em que Galois era mistificado, e comparar os livros de História da Matemática a fatos concretos. Ele explicou que seu artigo era “uma tentativa de separar alguns fatos da vida de Galois dos enfeites. [...] Como ficará evidente, muitas das declarações citadas são, na pior das hipóteses,

absurdas e, na melhor das hipóteses, não têm base nos fatos conhecidos.” (Rothman, 1982, p. 85)

Mais recentemente, em certos livros, como em *A História da Matemática* de Boyer e Merzbach, que continua sendo atualizado, e em *A History of Mathematics* de Victor Katz (2009) um pouco da vida política de Galois é mencionada, mas nada que conecta suas ações ao seu contexto histórico e classe social. Não comentam mais do que sentimentos de desilusão e de estar cercado por tirania contra a qual sente um ódio implacável, ódio “herdado” de seus pais (Boyer e Merzbach, 2012, p. 353). Galois, com suas próprias palavras, disse que era um “republicano; membro da sociedade dos amigos do povo;” (Galois *apud* Neumann, 2011, p. 247, tradução nossa), mas poucos textos historiográficos reconhecem essa parte da identidade de Galois, que, como pretendemos mostrar, era tão importante para ele. Foi justamente essa suposta desconexão entre as identidades de Galois, presente na literatura recente, que tentei ressignificar em minha Iniciação Científica, realizada de março a julho de 2023, orientada por Prof. Dr. Júlio Faria Corrêa. Com a motivação de evidenciar as circunstâncias sociais que servem de estímulo ao desenvolvimento das idéias matemáticas de Galois, seguindo o argumento de Antônio Miguel citado anteriormente.

Gostaria de destacar dos manuscritos de Galois os trechos que mais evidenciam o aspecto político da sua carreira como matemático. Vamos começar com a morte de Niels Henrik Abel. Abel foi um matemático que estudava a mesma área que Galois, viveu na mesma época e também teve uma vida curta. Assim, os livros de história da matemática traçam comparações entre eles, no livro de Boyer e Merzbach, os dois são chamados de heróis românticos, mas que realmente existiram. Eles mostram a tragédia da vida de Abel, que morreu de tuberculose dois dias antes de receber uma carta que lhe ofereceria uma posição importante em Berlim, depois de anos tentando ser reconhecido. Em *Men of Mathematics*, de E. T. Bell - um dos autores criticados por Rothman - o capítulo sobre Abel tem o título Gênio e Pobreza, e conecta-se com o de Galois, intitulado Gênio e Estupidez.

O que não se fala é que o próprio Galois escreveu sobre Abel, como em: “Esse [o erro sobre a resolução de equações quinticas] não é a única analogia notável entre o matemático norueguês que morreu de fome e o matemático francês condenado a viver ou morrer, como quiser”. (Galois *apud* Neumann, 2011, p. 239, tradução nossa) e “mas devo relatar agora como os manuscritos desaparecem com muita frequência nos arquivos dos membros do Instituto, embora na verdade eu não entenda tal descuido por parte dos homens que têm a morte de Abel em sua consciência.” (Galois *apud* Neumann, 2011, p. 247, tradução nossa).

Esses trechos do parágrafo anterior, foram escritos enquanto Galois era um preso político. O primeiro faz parte de uma resposta a Poisson, que recusou seu manuscrito enquanto afirmava que Abel já havia trabalhado no mesmo resultado. O segundo, assim como o trecho a seguir, faz parte de um Prefácio que deveria ser publicado junto de sua teoria, em que Galois deixa claro que ele acredita ter sido negligenciado pela realeza e pelos cientistas que eram seus contemporâneos.

Em primeiro lugar, a segunda página deste trabalho não está sobrecarregada com os nomes, sobrenomes, formas de tratamento, honras e elogios a algum príncipe avarento [...]

Nem será visto lá, em caracteres três vezes maiores que o texto, homenagem respeitosa a alguma alta posição na ciência, a um cientista protetor, algo talvez indispensável (eu diria inevitável) para quem escreve pela primeira vez e deseja ter a pretensão de escrever aos vinte anos de idade. Não digo a ninguém que devo ao seu conselho ou ao seu encorajamento tudo que há de bom no meu trabalho. Não o digo porque seria mentir. Se eu fosse ter que dirigir algo aos grandes do mundo ou aos grandes da ciência (e atualmente a distinção entre essas duas classes de pessoas é imperceptível), juro que certamente não seriam agradecimentos.

(Galois *apud* Neumann, 2011, p. 247, tradução nossa)

Abel atestou sobre como era difícil ganhar reconhecimento em Paris, “Todo principiante tem grande dificuldade de ser observado aqui.” (Abel *apud* Boyer e Merzbach, 2012, p. 350). É interessante notar que nesses parágrafos Galois classifica os “grandes do mundo” e os “grandes da ciência” como iguais, o que coincide com o entendimento do historiador Eric Hobsbawm, que diz que durante a revolução francesa uma equipe de matemáticos foi posta à frente do esforço de guerra e “foi, talvez, a primeira ocasião na História que o cientista enquanto tal fez parte do governo” (2015, p. 429).

Com a revolução, emerge a necessidade de formação massificada de novos quadros de estado e do exército, e isso gera uma outra forma de organização do ensino. Como é descrito por Gispert no capítulo sobre a educação matemática na França, do *Handbook on the History of Mathematics Education*,

Os princípios políticos que governaram a reconstrução do sistema educacional na França no início do século XIX, após sua destruição pela Revolução, eram, em primeiro lugar, que a educação é um campo de poder que deve pertencer às prerrogativas do Estado e, em segundo lugar, que o sistema educacional oficial contribui para a consolidação das estruturas de classes na sociedade. [...] Havia dois tipos distintos de instrução, dependendo do status social dos alunos (“de acordo com seu destino natural”, como se dizia na época).

(Gispert, 2014, p. 229, tradução nossa)

De acordo com Gispert, existia uma escola direcionada para as elites, com uma formação secundária, chamada de *Lycées*, e outra escola direcionada às massas que oferecia

apenas uma formação primária. As diferenças residiam também em relação aos professores que atuavam nessas escolas. Enquanto os professores dos *Lycées* tinham formação na Escola Normal Superior, os professores das escolas primárias tinham a formação apenas nessa própria escola. Mesmo dentro da formação das elites, havia uma diferença. Os *Lycées* privilegiavam o ensino de humanidades e da matemática clássica para a formação do intelecto, mas devido a crescente demanda de formação de militares, iniciou-se uma oferta de curso de matemática nos lycées voltados para uma matemática mais prática que visava a formação de engenheiros e a entrada na recém criada e *École Polytechnique* (Gispert, 2014, p. 230).

O grupo de republicanos que Galois fazia parte, a Sociedade dos Amigos do Povo, era composto por alguns outros cientistas, incluindo François Vincent Raspail, que escreveu sobre sua estadia na prisão com Galois. Raspail foi um importante químico e médico, que, em alinhamento com suas preocupações de políticas, como igualdade, escreveu um livro sobre medicina doméstica. Galois também tinha essa inquietação em relação ao público geral, como pode ser visto em:

Pegue um livro de álgebra, seja um livro didático ou uma monografia, e você não verá nada além de caos! Uma bagunça confusa de proposições cuja regularidade contrasta bizarramente com a desordem do todo. [...] Tudo isso surpreenderá a gente do mundo, que em geral tomam a palavra matemática como sinônimo de ordenada. (Galois *apud* Neumann, 2011, p. 261, tradução nossa)

Aqui começamos a perceber que Galois se incomodava com a falta de estrutura da Álgebra, isso tem relação com o rigor matemático que era usado até então, que “se transformou na virada do século XVIII para o XIX porque os matemáticos da época se baseavam em crenças e técnicas que não eram mais capazes de resolver os problemas que surgiam no interior da própria matemática.” (Roque, 2012, p. 494). Isso foi estímulo ao desenvolvimento de sua teoria de grupos, e nesse mesmo Prefácio ele sugere a futuros matemáticos a “saltar de pés juntos nos cálculos, agrupar as operações, classificá-las de acordo com dificuldade e não com suas formas;” (Galois *apud* Neumann, 2011, p. 252, tradução nossa).

A história de Galois com esse enfoque em suas ideias políticas já havia sido escrita por mim em uma biografia segundo os conceitos da microhistória. Porém, há outro meio de expor, ou melhor dizendo, de divulgar esse aspecto da história da matemática que por vezes é negligenciado. Uma peça de teatro, é capaz de transmitir ao público os diferentes argumentos desses personagens históricos e envolve uma tomada de decisão, buscando nunca se desvincular da política e das diversas dimensões da vida humana.

Nesse sentido, destacamos que a ordem dos eventos da peça seguem a ordem como foram descritos na introdução do livro de Neumann, contendo a tradução em inglês dos manuscritos do Galois, que foi base da pesquisa histórica, e vem sido citado muitas vezes até aqui. Assuntos que Neumann não cobre, como a expulsão da Escola Normal Superior (ou Escola Preparatória, como foi chamada naquele período), o caso do brinde, e a autópsia, tiveram como fonte a biografia de 1896 por Dupuy, que conta com diversos documentos e relatos de familiares: o obituário escrito por Chevalier, amigo próximo de Galois, e publicado na *Revue Encyclopédique*; a própria *Revue Encyclopédique*, ler artigos do mês em que Galois morreu somou um ponto de vista importante ao que eu já havia estudado; e as cartas escritas por Raspail, enquanto ficou preso junto de Galois. Em anexo, se encontra o obituário.

Esses dois últimos, puderam ser acessados integralmente, e de graça, através do *Google Books*. Foi uma ferramenta surpreendentemente útil, e antes de começar a minha pesquisa eu não a conhecia. Por terem sido publicados há quase 200 anos, esses documentos são domínio público, porém, sem a internet, e sem esse processo de digitalização, eu teria muito mais dificuldade em ler os originais. É particularmente poético, em uma pesquisa que fala tanto de ciência colaborativa, ter essa rede de apoio. E, nessa mesma nota, a *Bibliothèque de l'Institut de France* disponibiliza online os manuscritos escaneados que Neumann traduziu, e também foi uma experiência enriquecedora ver os “rabiscos” de Galois em primeira mão.

No próximo capítulo, serão apresentadas algumas formas de se fazer teatro, e será argumentado que o Teatro Épico se encaixa nos objetivos que almejamos.

2.3 TEATRO ÉPICO

O teatro épico é uma forma de teatro desenvolvida pelo dramaturgo e poeta Bertolt Brecht. Segundo Rosenfeld, ele tem sua estrutura mais aberta, repleta de episódios, por vezes guiada por um narrador, e visa integrar o homem em amplos contextos universais ou sociais. Por isso se opõe ao teatro dramático, ao teatro tradicional ou aristotélico, que tem os personagens sempre vivendo os seus próprios dramas dia após dia, com os atores se perdendo neles (Rosenfeld, 2012, p. 18). Brecht desenvolveu a teoria do teatro épico de acordo com seu entendimento da sociedade:

Com base nesta sua filosofia do homem, afigura-se-lhe necessário apresentar não somente relações inter-humanas no seu palco, como também as determinantes sociais dessas relações. Visto o ente humano – segundo a sua concepção – ser o

conjunto de todas as relações sociais, é impositivo recorrer à forma épica, única capaz de dar suficiente realce ao tecido social transindividual.
(Rosenfeld, 2012, p. 19)

E, assim, busca-se causar uma reflexão no público, chamar a atenção para a necessidade de transformar a sociedade, e não fazê-los voltar para casa se sentindo satisfeitos com o *status quo*.

Ao ler o livro O Teatro Épico, de Anatol Rosenfeld, compreendi a diferença entre o teatro dramático e o épico. Essa diferença foi resumida conforme o quadro:

<i>Forma dramática do teatro</i>	<i>Forma épica do teatro</i>
atuando	narrando
envolve o espectador numa ação cênica	torna o espectador um observador mas
gasta-lhe a atividade	desperta a sua atividade
possibilita-lhe emoções	força-o a tomar decisões
vivência	concepção do mundo
o espectador é colocado dentro de algo (identificação; nota do autor)	é posto em face de algo
sugestão	argumento
os sentimentos são conservados	são impelidos a atos de conhecimento
o espectador identifica-se, convive	o espectador permanece em face de, estuda
o homem é pressuposto como conhecido	o homem é objeto de pesquisa
o homem imutável	o homem mutável que vive mudando
tensão visando ao desfecho	tensão visando ao desenvolvimento
uma cena pela outra (encadeamento; nota do autor)	cada cena por si
crescimento (organismo; nota do autor)	montagem
acontecer linear	em curvas
necessidade evolutiva	saltos
o homem como ser fixo	o homem como processo
o pensar determina o ser	o ser social determina o pensar
emoção	raciocínio

Fonte: Rosenfeld (1985)

Um dos pontos que se destacaram no momento de tomar a decisão de contar a história de Galois por via do teatro épico foi principalmente “o mundo tal como se transforma”, para

transmitir ao espectador - ou leitor da dramaturgia - todas as mudanças que estavam sendo criadas na matemática e na sociedade nos séculos XVIII e XIX.

Através da história da matemática, se percebe todas as mudanças de rigor e como a matemática se transformou nas mãos dos seres humanos desde seus primórdios, ela mostra uma ciência criada, não descoberta. Um bom jeito de levar essa ideia ao reconhecimento, é tomar como objeto de pesquisa Évariste Galois. Por vezes obstinado, injusto, desiludido, e assim, completamente humano. O humano que, em suas contradições pessoais, montou um princípio de teoria de grupos, e sobre ela, mais pesquisadores inventaram matemáticas desde então.

Como mencionado anteriormente, na introdução deste trabalho, me causou incômodo ver a parte política da vida de Galois tão pouco representada. Em seu “Um pequeno Organon para o Teatro”, Brecht explica que “Cada vez mais nos incomoda o primitivismo e o descuido que encontramos nas reproduções do convívio humano não só nas obras antigas, mas também nas contemporâneas, quando estas são feitas pelas receitas antigas. O nosso modo de fruição começa a desatualizar-se.” (Brecht, 1964, p. 4) Torna-se necessário atualizar-se, tentar coisas novas.

Outra preocupação, comentada na seção 2.1 Teatro e educação matemática, era de não fazer do teatro nada além de uma metodologia para o ensino de matemática. Nesse sentido, o teatro épico também poderia ser uma alternativa. No mesmo Organon, essa articulação é feita com maestria:

O Teatro vê facilitado seu esforço, por uma aproximação estreita com os estabelecimentos de ensino e meios de comunicação de massa. Pois, embora o teatro não deva ser importunado com toda sorte de temas culturais que não lhe confirmem um caráter recreativo, tem plena liberdade de se recrear com temas de ensino ou investigação. Faz com que as reproduções da realidade sejam válidas e capazes de influenciar, como diversão autêntica. Expõe aos construtores da sociedade as vivências dela, tanto passadas como presentes, mas o faz de forma que se possam tornar objetos de deleite os conhecimentos, os sentimentos e os impulsos que dentre nós são os mais emotivos, os mais sábios e os mais ativos, que extraem dos acontecimentos do dia a dia e do século. É nosso propósito diverti-los com a sabedoria que advém da solução dos problemas, com a ira em que se pode precisamente a compaixão pelos oprimidos, com o respeito pelo amor a tudo o que é humano, ou seja, pelo filantrópico, em resumo, com tudo aquilo que deleita o homem que produz. (Brecht, 1964, p.7)

Aqui, há uma relação mais balanceada do que Faria (2022) notou em sua tese, sobre a atração do teatro pela educação matemática. O teatro não é atraído pela educação, pois “nem mesmo a instrução deve ser exigida, nem mesmo uma lição utilitarista” (Brecht, 1964, p.2).

Eu estava diante, portanto, de um modelo de teatro que resolvia muitos dos problemas de pesquisa que eu havia traçado. Ainda assim, devo deixar claro que, em certos momentos, um pouco da forma épica foi sacrificada em favor de contar a realidade com verdade, e da diversão. Se por vezes, na dramaturgia que criei aqui, fiz dramaticidades, escrevi diálogos dramáticos, tidos por Rosenfeld como o recurso literário mais propício para apresentar posições antagônicas. Isso também se justifica em Brecht, ele escreveu:

É perigoso atrelar o grande conceito de realismo a um punhado de nomes, por mais famosos que possam ser, e sacralizar um punhado de formas como o único método criativo possível, ainda que possam ser formas úteis. A respeito de formas literárias, deve-se consultar a realidade, não a estética, nem mesmo a do realismo. A verdade pode ser silenciada de muitas maneiras e pode ser dita de muitas maneiras. Nós derivamos a nossa estética, assim como a nossa ética, a partir das necessidades da nossa luta.
(Brecht, 1998, p. 275-276)

Assim, criei minha peça de teatro épico de maneira menos rigorosa em relação à forma, mas com decisões intencionais baseadas na realidade e na nossa luta. Quando as decisões não são pensadas com cuidado, podemos acabar criticando o que não queremos, através de vícios e clichês. Por esse motivo, trago mais adiante neste trabalho, as decisões históricas que motivaram minha escrita.

3 ANÁLISE DA DRAMATURGIA

A peça contempla um período de pouco mais de dois anos da vida de Galois, e acaba condensando fatos que na verdade ocorreram não tão imediatamente seguidos uns dos outros. A peça é composta por 13 cenas que serão descritas brevemente a seguir. Após isso, também serão comentadas decisões que julgamos importantes.

A Cena 1 tem como objetivo introduzir o público ao período histórico e à localidade na qual se passa a história, a perspectiva política que o espetáculo adotará, o papel de narrador/personagem de Alfred, e o personagem principal, Évariste Galois. Na realidade, ao final de 1829, Galois tentou entrar na Escola Politécnica pela segunda vez, não conseguiu, e foi para a Escola Normal. Apesar disso, na cena é mencionado o ano de 1830, pois ele será relevante mais tarde.

Na Cena 2 são apresentadas algumas visões políticas da época, é falado mais disso na seção ‘Paralelos políticos’ em ‘Decisões históricas’. Também aparece pela primeira vez Chevalier, um personagem importante, e sua amizade com Galois. Na Cena 3, Galois explica

que foi expulso por expor a hipocrisia do Diretor da Escola Normal na Gazeta das escolas. Algumas das frases usadas aqui, como a menção ao broche tricolor, e à ameaça de chamar a polícia no dia da revolução, são descritas por Galois nessa publicação, encontrada em Dupuy. A revolução ocorreu nos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, sua expulsão provisória foi em dezembro de 1830, e ela se concretizou em janeiro de 1831.

Desde 1829, Galois estava tentando submeter seus trabalhos à Academia de Ciências, sendo rejeitado ou tendo seus manuscritos perdidos. Dupuy acredita que em meados de 1830 Galois já fazia parte da Sociedade dos Amigos do Povo, introduzidos na peça como uma possível solução para essa rejeição. Ao final da cena, eles mencionam um jantar que aconteceria na semana seguinte. Esse jantar ocorreu, na realidade, em maio de 1831. Estão comprimidos nessa cena, portanto, fatos que ocorreram com muitos meses de distância.

É importante deixar claro, também, que Galois conseguiu publicar alguns itens durante sua vida. O que ele não conseguiu, e reclamou sobre não ter conseguido, foi ser notado pelo Instituto da Academia de Ciências. Como a prensa também seria importante para a reflexão política da peça, e a Sociedade dos Amigos do Povo tinha um jornal, essa dificuldade do Galois ficou traduzida como uma impossibilidade de publicação que vinha de não ser notado pelo Instituto, por não ter dinheiro para fazer isso sozinho.

Não é mostrado o famoso caso do brinde, que se deu durante o jantar mencionado na Cena 3, apenas suas consequências, durante a Cena 4, exatamente como descritas por Alexandre Dumas, em sua autobiografia. Esses saltos no tempo tem lugar no Teatro Épico, diferentemente dos modelos mais rigorosos³. Galois foi preso em 10 de maio de 1831 por seu comportamento nesse jantar, e foi solto em 15 de junho do mesmo ano. A Cena 5 se dá depois que ele é liberto. Descobrimos uma suposta solução para o problema de Galois, através da chance de ter sua teoria sendo analisada pelo famoso matemático Poisson. Talvez, por um momento, o público acredite que se Galois se esforçar bastante ele terá o que quer.

As decisões sobre a explicação de matemática que o Galois faz na Cena 6, em preparação para o encontro com Poisson, estão na seção ‘Demonstrações’. Os atores se dividem no meio, e é como se fossem duas cenas em uma. As falas dadas ao mesmo tempo tem por objetivo explicitar a semelhança entre o grupo de “matemáticos” e “revolucionários”. Essa grande tensão na história, a suposta dicotomia entre os dois grupos que Galois faz parte, se faz presente.

³ Rosenfeld, 2012, p. 18

Em 17 de janeiro de 1831, antes de ser preso novamente, Galois enviou outro manuscrito à Academia, para ser analisado por Lacroix e Poisson. Poisson respondeu em 4 de julho 1831, quando Galois já havia sido solto. A análise de Poisson, e o que Galois escreveu sobre isso, encontram-se em sua integridade em Neumann. Esses textos foram base para o diálogo da Cena 7, já que esse evento não foi representado através de cartas, e sim de forma presencial, numa reunião. Depois de ser recusado, Galois fala para seus amigos sobre Abel.

Dez dias depois da resposta negativa, em 14 de julho de 1831, Galois é preso novamente, por protestar armado no aniversário da Queda da Bastilha. São apresentadas a organização para esse protesto, e a opinião de Chevalier, que neste espetáculo atua como representante da classe de matemáticos fãs de Galois, confusos porque ele morreu tão cedo, ao invés de se dedicar à matemática até ficar velho.

As Cenas 8 e 9 acontecem dentro da prisão, as dificuldades de Galois são mostradas de acordo com o que é descrito por Raspail, que foi preso no mesmo protesto. Vários dos sentimentos demonstrados por Galois são provenientes de que ele escreveu enquanto preso, presentes nos manuscritos de Neumann. Aqui também há um maior desenvolvimento dos personagens secundários, como Raspail e Pescheux. É na prisão que ocorre uma mudança na convicção do personagem, antes ele queria morrer pela revolução, agora quer morrer por uma pessoa só. Isso se dá pela decepção sofrida por ele durante a peça em relação a seus dois objetivos principais, e por ver seus colegas agindo e não só sentindo.

Chevalier contou, no obituario que escreveu, que visitou Galois muitas vezes enquanto ele esteve preso, e que ele parecia muito abatido lá dentro. A Cena 10 mostra uma última visita. O diálogo também é baseado em uma carta que Galois escreveu a Chevalier em 25 de maio de 1832, poucos dias antes do duelo. Essa cena também tem como objetivo justificar o duelo na medida do possível, na seção de ‘Decisões históricas’ eu explico porque não quis aludir a esse acontecimento mais do que o necessário.

Na Cena 11, Galois morre. A peça inclui suas últimas palavras reais segundo Alfred. Também inclui a autópsia, disponível na biografia por Dupuy, realizada no corpo antes de o enterrarem em uma vala comum. Desde a primeira vez que a li, ela me impactou muito, e sinto que resume bem a relação trabalhada na peça entre o pobre e a ciência para poucos.

Para encerrar a história, nas Cenas 12 e 13 vemos a colaboração que Galois tanto queria tomando forma. Cada um dos personagens retorna, oferecendo o que podem para continuar o legado de seu amigo. A fala final de Alfred é uma frase escrita por Raspail, uma reflexão sobre o que Galois passou na prisão, mas que se encaixa em outros contextos de luta e esperança.

3.1 DECISÕES HISTÓRICAS

3.1.1 Paralelos políticos

Encontrei a *Revue Encyclopédique* através de Dupuy, que a citou como fonte das cartas que Galois enviou a Chevalier (Chevalier publicou a carta final, a pedido de Galois, e também trechos de cartas mais pessoais, como parte da *Necrologie*). Durante certo tempo, enquanto trabalhava em minha Iniciação Científica, foquei só no que havia sido escrito por Chevalier. No entanto, mais tarde, quando a curiosidade tomou conta e busquei traduzir outras partes da revista, descobri que ela era uma fonte muito rica de informações sobre vários aspectos dessa parte da sociedade francesa de 1832

Foi na seção intitulada “sobre as supostas doutrinas de 93” que encontrei um paralelo interessante, que acabou sendo norteador para vários outros momentos da peça. Ali se encontram passagens como “Mas é aqui que, na ausência de argumentos, abundam os insultos: a democracia é impossível, porque é uma utopia.” (Carnot; Leroux, 1832, p.17), “[...] quando você lhes nega que o teste da verdadeira democracia foi feito, eles repetem com uma segurança ridícula: a democracia leva aos 93.” (Carnot; Leroux, 1832, p. 17). E tudo isso soava familiar para mim. Me lembrou discursos negativistas que visam desvalorizar certos movimentos políticos. A partir de então, decidi trabalhar com essas metáforas, que, na via do teatro épico, procuram fazer com que o público se identifique e reflita.

Similarmente, escolhi retratar Galois tendo a ideia de usar a estratégia de “entrismo” durante a Cena 5. Entrismo foi uma prática identificada por Trotsky, uma tentativa de usar o sistema contra o próprio sistema, entrar em um partido que não é de sua ideologia, e então usar sua posição lá dentro para mudar a ordem vigente (The Entry Tactic, 1983). O entrismo é disfuncional, no sentido de que Trotsky não o via como uma tática de longo prazo que poderia levar à revolução, mas fez sentido para o personagem de Galois durante a Cena 5, quando ele ainda estava esperançoso que teria uma chance de entrar no Instituto de Ciências. O Instituto está simbolizando esse partido com ideias contrárias, e o entrismo de Galois também não se concretiza.

Na Cena 2, o personagem Chevalier, cujo simbolismo já foi discutido, tenta convencer Galois a não lutar de um jeito bastante característico. Ele dá a entender que o professor pode garantir a mobilidade social de seus alunos, e que essa chance seria tão vantajosa para eles

quanto uma revolução. Aqui, ele ecoa a crença que alguns professores, especialmente de matemática, têm, da possibilidade de ascensão social com a escolarização⁴. O argumento que se faz na peça é de que os professores não deveriam sentir esse fardo sozinhos. “Estamos presos à organização do sistema, da escola, da sociedade, das condições de trabalho. Precisamos aprender a dividir essa responsabilidade com todas as instituições da sociedade”. (Paula e Zaidan, 2012, p. 328).

Também na Cena 2, o diretor menciona Gauss, que famosamente era um perfeccionista que só publicava resultados se estivesse completamente convencido deles. Isso aparece como um contraposto à postura de Galois, a favor de todos publicarem cada pequeno resultado que atingem, para avançar a ciência em conjunto⁵. Para além disso, a postura do diretor é uma de moralismo, que se faz presente em nosso contexto atual. A moral, ao contrário da ética, “é um conjunto de normas produzidas de forma exterior aos indivíduos” (Viana, 2015, p. 10), e não há necessariamente uma coerência entre o que o moralista propaga e o que ele pratica. Assim, ele pronuncia que para ter “o prestígio de uma publicação” é preciso não publicar nada.

3.1.2 Escola dual

Parte da peça dedica-se a explorar a tensão entre as escolas Normal e Politécnica, as diferenças entre seus alunos e seus valores, como entendidas por Galois. O intuito de pontuar as diferenças entre elas, já explicitada na seção de história da matemática, é destacar a dualidade da formação escolar - uma para as elites, outra para as massas - que se mantém até nossos dias.

3.1.3 Demonstrações

Era meu entendimento, desde o começo do processo de escrita, que a teoria de Grupos de Galois não seria explicada inteiramente nessa peça. Porém, originalmente, gostaria de ter ido mais fundo do que fui. Queria incluir, pelo menos, a solução por radicais das equações do segundo grau, como é apresentada no Trabalho de Conclusão de Curso de Karina Branco da Cruz, “Introdução à Teoria de Galois”. Para tanto, seria necessário usar completamente de

⁴ Um exemplo disso é o professor Wander entrevistado em “Novo aluno”

⁵ (GALOIS *apud* NEUMANN, 2011, p. 254).

quadrados, e em última análise, considerando o ritmo e o objetivo do espetáculo, optei por apenas comentar esses tópicos. Foi feita uma visão geral sobre soluções por radicais, com uma introdução na Cena 2, e uma seção um pouco maior na Cena 6.

3.1.4 Duelo

O enfoque na causa da morte de Galois foi algo que foi propositalmente evitado nesse espetáculo. O duelo representa Galois como anedota. É o que é usado como motivação para deixar aulas mais interessantes. Foi através desse acontecimento que eu também conheci a história de Évariste Galois pela primeira vez. Porém, quando pesquisei um pouco mais sobre quem ele era, e vi seu envolvimento político, isso me fez me perguntar por que esse não era o foco, será possível que estudantes de matemática não acham revoluções interessantes?

Duelos estão bem estabelecidos em nossa consciência pública, como analisou Brechenmacher em *Galois Got His Gun* - uma análise da figura pública de Galois: “O episódio do duelo é, de fato, um símbolo altamente inspirador da tensão entre o reino das ideias matemáticas puras e o mundo físico, com suas realidades dramáticas, políticas e, na verdade, realidades bastante simples” (Brechenmacher, 2011, p. 1, tradução nossa). Quando a história de Galois é contada, é comum ter esse momento como clímax. Seria, inclusive, difícil falar mais sobre duelo no texto, e não colocá-lo no centro, explicando suas causas e ramificações para uma plateia curiosa. Por isso, menções a ele são mantidas a um mínimo.

Revoluções também são dramáticas e políticas. Mais do que emocionar, a vantagem de contar a história de Galois por essa lente está em causar reflexões no público. A luta está entre grupos políticos, com tensões reconhecíveis ainda hoje. Assim, espera-se que ao invés de uma reação letárgica de choque e horror a uma peça em que, no final, o jovem protagonista morre por culpa de um desentendimento amoroso, aconteça uma resposta ativa ao argumento retratado sobre a sociedade e as escolhas dos personagens, que é o ponto de um Teatro Épico.

3.1.5 Pescheux

Segundo Alexandre Dumas (1908), Pescheux D'Herbinville foi quem atirou em Galois no duelo que resultou em sua morte. Dumas fala sobre ele com admiração em sua autobiografia, na única outra menção a ele que não é sobre o duelo. Rothman fez um apanhado de outros documentos em que o nome de Pescheux D'Herbinville aparece,

principalmente para “desmascarar” biografias de Galois que colocam Pescheux como um agente secreto da polícia real, sendo este o motivo para ter matado Galois. Ele encontra diversos documentos que mostram Pescheux em contextos republicanos, e como ele era conhecido por figuras importantes da causa, como Dumas e até, talvez, o General Lafayette. Na peça teatral, ter Pescheux sendo claramente um aliado de Galois, tendo ele participado do duelo ou não, foi influenciado por essa leitura de Rothman.

Porém, em relação à personalidade de Pescheux, a personagem, muito pouco foi baseado em documentos históricos. Isso se deu principalmente pela falta desses documentos. Assim, essa personagem quase poderia ter se chamado “Revolucionário Nº 2”, e o motivo de ter o nome que tem agora foi quase como uma referência escondida, para quem já havia ouvido relatos sobre o duelo. Sua suposta participação no duelo não é mencionada e não precisa ser mencionada, como comentado anteriormente.

A ideia de transformar a personagem em mulher veio mais tarde. Não me incomodou manter o mesmo nome depois da transformação, pois já haviam muitas diferenças, claras e admitidas, entre Pescheux, a pessoa real, e Pescheux, a personagem, e mesmo assim ambos se chamavam Pescheux. O gênero é apenas outro detalhe que mudou. Quis mudar por que, apesar de acreditar que todos os personagens dessa peça podem ser interpretados por atrizes, e a maioria podem se tornar personagens femininos, se for o desejo delas, sem ter impacto na história, causou certo desconforto não ter a garantia de espaço para uma mulher, no caso do espetáculo ser montado por algum grupo no futuro.

3.1.6 Ciência Colaborativa

O destaque para a matemática ser uma ciência colaborativa na peça surgiu inicialmente de algo que o próprio Galois escreveu. No seu texto intitulado “Prefácio”, encontra-se a seguinte passagem: “quando a competição, ou seja, o egoísmo não reinar mais na ciência, quando as pessoas se reunirem para estudar, em vez de enviar para as academias pacotes fechados, elas irão se apressar para publicar as suas menores observações por suas pequenas inovações, e irão acrescentar: “eu não sei o resto”.” (Galois *apud* Neumann, 2011, p. 254). A referência a grupos de estudo na Cena 2, por exemplo, foi inspirada pela frase acima “quando as pessoas se reunirem para estudar”.

O verso com o qual Chevalier homenageia Galois em seu obituário, que aparece na peça como diálogo durante sua última visita na prisão, pode ser encontrado no 14º artigo das Doutrinas Saint-Simonianas, de junho de 1831, sob o título “Organização Científica”. O autor

descreve o filho de um burguês ou de um lorde, com poder o suficiente para ler muitos autores e continuar sendo um idiota, antes de descrever o filho de um pobre, gênio, mas impedido por sua condição (Chevalier *et al*, 1831, p. 165). Nesse mesmo artigo e no artigo anterior, vemos esse contemporâneo de Galois denunciar a falta de colaboração entre as ciências, de modo semelhante ao que ele próprio viria a escrever, como na passagem citada no primeiro parágrafo desta seção.

Recentemente, em 2009, os blogueiros científicos Gowers e Nielsen sentiram a mesma incomodação. Eles, e muitos outros, vinham expondo suas ideias individualmente, em seus blogs, até que uma provocação de Gowers - “Colaboração massiva em matemática é possível?” - levou-os a tentar atacar questões profundas da matemática coletivamente (Abdo, 2014). A experiência foi um sucesso, e desse primeiro momento, chamado Polymath 1, vieram muitos outros projetos Polymath, que atingiram resultados importantes e foram publicados coletivamente como artigos.

Esses paralelos, como já explicado anteriormente, foi grande fonte de inspiração para essa peça de teatro. O espetáculo culmina com uma referência a uma fala de Brecht sobre o poema ‘O mascarado da anarquia’ de P. B. Shelley: “como é terrível ler poemas de Shelley (para não falar dos cantos camponeses egípcios de três mil anos atrás), denunciando opressão e exploração. Será que nós seremos lidos também assim, ainda sob opressão e exploração, dizendo as pessoas: 'Já naquele tempo...?'” (Brecht, 1938)

Nesse trecho anterior, encontrado no artigo ‘Amplitude e variedade do modo de escrever realista’ de 1998, Brecht demonstra um sentimento recorrente durante minha pesquisa. Não só isso, refleti também esse modo de pensar na relação de Abel e Galois, pela forma que este último se comparou ao matemático norueguês “que morreu de fome” (Galois *apud* Neumann, p. 239). Acredito que esse excerto de Brecht resume apropriadamente essa peça que em tantos momentos buscou a aproximação com o passado para causar a reflexão no presente, e é por isso que é a última coisa que o público escuta antes de se fecharem as cortinas.

4 A DRAMATURGIA

Matemáticos Miseráveis!

Beatriz Bonelli Mafra

Personagens

ALFRED, *é o narrador, o irmão mais novo de Galois, um procurador e um oficial de polícia*

Évariste GALOIS, *jovem revolucionário e estudante de matemática*

Auguste CHEVALIER, *jovem estudante de matemática*

DIRETOR, *o diretor da Escola Normal*

RASPAIL, *revolucionário experiente*

DUCHATELET, *jovem revolucionário*

PESCHEUX, *jovem revolucionária*

POISSON, *matemático experiente*

CENA 1:

ALFRED: Sejam todos bem vindos a história da matemática. De onde veio essa ciência encantadora, capaz de ser terrível? Ela já teve muitas caras, para suprir necessidades humanas de cada tempo e espaço, pois somos os únicos deuses da matemática. Hoje vocês assistirão a expressão de uma de suas faces. Nos transportaremos para França, 1830. Aqui, 34 anos após a Revolução Francesa, sendo novamente governados por um rei, para a grande insatisfação dos republicanos, que ainda se reúnem em sociedades secretas. No dia 27 de julho começava mais uma luta por mudança! Estudantes da Escola Politécnica marchavam nas ruas, a liberdade guiava o povo e trombetas adornadas por louros cantariam a música da vitória por três dias gloriosos...

Nesses tempos de opressão quase sempre se fala de causas grandiosas. Em tais épocas, é necessário ter coragem para falar de coisas pequenas e mesquinhas como a comida e a moradia dos que trabalham. Évariste Galois foi um jovem que em meio a esses esforços inventou um jeito inédito de pensar matemática. Lancemos nosso olhar não só para os rabiscos apressados que mais tarde se tornaram base para toda nova área dessa ciência, mas para os aspectos pequenos e mesquinhos da sobrevivência de quem os escreveu.

Galois entra. Alfred, o Narrador se torna Alfred, irmão de Galois

GALOIS: Alfred, venha aqui me dar um tchau antes de eu ser mandado pro inferno.

ALFRED: Ah...Boa sorte lá... Sinto muito por não terem deixado você entrar na Escola Politécnica. Eles não sabem o que tão perdendo!

GALOIS: Já eu, sei bem o que to perdendo...

ALFRED: Pra mim, as duas são iguais.

GALOIS: Iguais? São completamente diferentes! A Politécnica é cria da revolução! Lá todo mundo usa uniforme e ninguém tem medo de pegar em armas.

Eles brincam de lutinha até que Galois finge que está mortalmente ferido

GALOIS (*dramático*): Oh não! Estou acabado! Adeus, Alfred, estou indo morrer, lembre-se de mim! (*sai*)

ALFRED: Galois está a caminho da Escola Normal, destinada para a formação de professores. Lembrem-se: em qualquer lugar em que estudantes se reúnem voluntariamente para estudar, sentimentos de liberdade, igualdade e fraternidade se desenvolvem.

CENA 2: *Quarto de Chevalier e Galois na Escola Normal. No quadro negro do quarto está escrita a resolução de equações do segundo grau por “Bhaskara”:*

$$\begin{aligned} ax^2 + bx + c &= 0 \\ \Delta &= b^2 - 4 \cdot a \cdot c \\ x &= \frac{-b \pm \sqrt{\Delta}}{2 \cdot a} \end{aligned}$$

Chevalier está olhando para ela. Galois está olhando pela janela.

CHEVALIER: Évariste, você consegue me ajudar com isso?

GALOIS: Claro, com o quê?

CHEVALIER: Eu sou tutor de um garoto que se recusa a decorar essa fórmula.

GALOIS: Muito esperto!

CHEVALIER: Mas ele precisa resolver equações do segundo grau!

GALOIS: E isso agora é desculpa para fazer tudo que te mandam, sem nenhum senso crítico? E assim passamos mais um dia debaixo dos pés dos reis...

CHEVALIER: Évariste, fale baixo!

GALOIS: Eu estou só falando de matemática

CHEVALIER: O que você me recomenda, então?

GALOIS: Mostre para ele de onde vem a solução por radicais

CHEVALIER: A solução dos radicais?! Matar o rei?!

GALOIS: Não, eu quis dizer a solução algébrica, as raízes que se consegue com a fórmula. Mostre como os matemáticos chegaram até ali.

Galois escreve uma equação do primeiro grau no quadro: $ax + b = 0$

GALOIS: Essa é uma equação do primeiro grau. O jogo é achar uma solução pra ela usando só somas, subtrações, multiplicações, divisões e raízes. Vou subtrair b dos dois lados da equação...

Galois escreve:

$$\begin{aligned} ax + b - b &= 0 - b \\ ax &= -b \end{aligned}$$

GALOIS: E dividir os dois lados por a ...

Galois escreve:

$$\begin{aligned} \frac{ax}{a} &= \frac{-b}{a} \\ x &= \frac{-b}{a} \end{aligned}$$

GALOIS: O mesmo pode ser feito com a equação do segundo grau! Só que com ainda mais passos...

CHEVALIER: Por isso usamos a fórmula que chegamos ao final ao invés de escrever tudo aquilo a cada vez que precisamos encontrar o x .

GALOIS: Sim. Só que não é assim que esperam que se ensine para os alunos

CHEVALIER: Às vezes é confuso mesmo...

GALOIS: Então você concorda! Não sei como a matemática ainda tem fama de exatidão, quando nossos livros parecem a casa da mãe Joana: uma bagunça de teoremas! Ninguém consegue entender nada.

CHEVALIER: Isso precisa mudar.

GALOIS: Sim! É por isso que a gente precisa ir pra rua.

CHEVALIER: Pra ensinar matemática pros menos afortunados!

GALOIS: Pra protestar sobre a maneira como ela é ensinada.

CHEVALIER: Protestar...como os revolucionários?

GALOIS: *(irônico)* A solução dos radicais!

CHEVALIER: Ah... tem certeza que isso é necessário? Você não precisa lutar na rua pra mudar a vida de alguém.

GALOIS: Haha! Depois eu que sou o idealista

CHEVALIER: Desde Napoleão a matemática é uma ferramenta poderosa...

GALOIS: Claro que é, mas são poucos os que têm acesso a ela.

CHEVALIER: Exatamente! Você explica tão bem, Évariste. Se você ensinasse, poderia fazer de um mendigo um general.

GALOIS: O problema vai mais fundo do que isso. Nem um plebeu que é um gênio consegue virar rei. E enquanto isso a estupidez deles reina a vontade.

CHEVALIER: Eu só tenho medo que você vai acabar entregando tudo que você é por algo que é muito bonito no papel, é claro, mas é uma utopia. Derrubar a monarquia de novo é impossível.

GALOIS: Com essa sua atitude, talvez seja mesmo.

CHEVALIER: Na última vez, terminou com um doido no poder guilhotinando todo mundo...

GALOIS: Eu sei que você me considera o suficiente pra não jogar insultos para cima de mim. Quando eu falo de democracia eu não falo do "Reinado do Terror" de Robespierre. Eu falo de um governo do povo, onde todos são iguais e não há ninguém acima de nós.

CHEVALIER: Eu sei...

GALOIS: É isso que parece impossível para você?... Você já quis algo impossível?

CHEVALIER: Já.

GALOIS: Mas eu to falando de querer muito. De acreditar, uma devoção!

CHEVALIER: Sim.

GALOIS: E você foi atrás, ou deixou seu sonho morrer?

CHEVALIER: Eu ainda não sei o que eu to fazendo.

GALOIS: Bom, eu é que não vou ficar sentado esperando. Não é impossível quando se organiza. Olha o que eles estão fazendo lá fora! Nesse exato momento. Lutando.

CHEVALIER: O que eu tava sugerindo também é uma forma de luta, de resistência. Você pensa que é fácil ser professor?

Ouvem-se batidas de fora. Entra o Diretor.

DIRETOR: Boa tarde, senhores. O que é que estão fazendo?

CHEVALIER: Estávamos estudando.

DIRETOR: Juntos?

GALOIS: Algum problema com isso, senhor diretor?

DIRETOR: Ah, não, só acho curioso, especialmente quando você, senhor Galois, me disse que tinha uma nova teoria em que você estava trabalhando.

GALOIS: E estou.

DIRETOR: Ah, sim! É claro que esse agitador Évariste Galois é um desses que estudam em grupos. Essa nova geração de matemáticos está perdida! Quando finalmente chegam a algum resultado, alguma prova para um corolário, espalham tudo uns aos outros. Sim, “grupos de estudo”, pra mim é mais um nome para passar cola. Ficam “se ajudando” ao invés de dedicarem tempo agrupando e organizando o que sabem. E no final reclamam porque não têm o prestígio de uma publicação. Pensa se Johann Carl Friedrich Gauss fica ostentando seus teoremas pros outros? Nada disso, ele escreve em seus cadernos em códigos, só para os seus próprios olhos! Ah, que matemático virtuoso!

GALOIS (*para Chevalier*): Palestrinha...

DIRETOR: Absurdo! Eu não entendo porque vocês jovens não podem respeitar um pouco os mais velhos. Tudo que vocês têm foi construído pelos reis que vieram antes de vocês, sabiam?

GALOIS: Não, na verdade eu não sabia que o Carlos X tinha alguma vez na vida dele pegado numa argamassa

DIRETOR: O quê?!

GALOIS: E enquanto ele trabalhava embaixo do sol, não tinha nem um cozinheiro fazendo a marmitta dele?

DIRETOR: Ora seu...

CHEVALIER: O que o Galois quis dizer, senhor diretor, é que nós dois apreciamos muito o que as gerações passadas fizeram pela França.

GALOIS: Sim, com certeza.

CHEVALIER: Viu?

GALOIS: Mas também tem certas coisas que já estão datadas. Temos defeitos o suficiente do nosso próprio tempo, devíamos poder seguir em frente sem carregar os defeitos dos nossos pais.

DIRETOR: Espero, Galois, que o defeito dos seus pais dos quais você se refere seja o terror debaixo de Robespierre que em 1793, consequência da Intentona que você tanto idolatra!

GALOIS: Ai ai, é sempre assim. Por acaso antes de 1793 ninguém morria?

DIRETOR: Ele matou milhões! A guilhotina encheu as ruas de Paris de sangue. Vocês só acham bonito porque não estavam lá, e agora querem imitá-lo sem saber as consequências. Eu mesmo vim aqui porque, pelo seu histórico, achei que você estaria agitando algo. Lá fora está um verdadeiro...

Sons estrondosos de luta, bombas, fogo, gritos e tiros cortam a fala do Diretor. Eles fazem-se ouvir por um bom tempo. Os três observam pela janela. Faz-se silêncio novamente.

CHEVALIER: Évariste...acho que é mais fácil virar professor.

CENA 3

Galois tentou pular da janela direto pra folia
 Mas o diretor achou que ele não devia
 No dia seguinte, para a surpresa de ninguém,
 O diretor mole e covarde sempre tem
 o broche e o bordão de outrem.
 Para quem clama “hipocrisia!”, expulsão.
 Então em uma prensa clandestina de porão
 Galois procura sua chance de publicação.

Raspail, Duchatelet e Pescheux estão imprimindo seu jornal Os Amigos do Povo, tentando não fazer barulho. A sala está cheia de posters anti-democratas. Eles falam no ritmo da prensa.

DUCHATELET (*observando os posters*): Será...

RASPAIL: Shhh

PESCHEUX: Sshhhh

DUCHATELET (*sussurrando*): Sssserá que o dono daqui tem algum parente na corte?

PESCHEUX: Duchatelet... do que é que você tá falando agora?

DUCHATELET: Só tava pensando que eu nunca vi tanta teimosia contra uma mudança de sistema que ajudaria ele também.

RASPAIL: O pior é que isso também é herança da grande revolução.

PESCHEUX: É difícil falar de qualquer mudança quando a primeira coisa que eles pensam são cabeças rolando.

DUCHATELET: Sempre acabam me chamando de Robespierista!

RASPAIL: Se quiséssemos, melhorar a lei eleitoral, reduzir os impostos, libertar a imprensa, um enxame de cortesãos da tribuna ou dos jornais ressoaria imediatamente estas fantásticas palavras de 93 e terror.

DUCHATELET: E assim tapam os ouvidos e não ouvem mais nada que temos pra falar.

PESCHEUX: Duchatelet, presta atenção no que você tá redigindo.

RASPAIL: O 'c' depois de família tradicional francesa tá sem cedilha.

Continuam trabalhando, silêncio exceto pela prensa.

DUCHATELET: Estamos...

RASPAIL: Shhh

PESCHEUX: Sshhhh

DUCHATELET: (*sussurrando*) Estamos com 500ss cópiassss

PESCHEUX: Acha bom pararmos por hoje? É capaz do meu patrão aparecer por aqui.

RASPAIL: Vão olhar lá fora, eu continuo por mais um tempo.

PESCHEUX (*para Duchatelet*): Vá você olhar, eu ajudo por aqui.

Duchatelet sai. De fora, ouve-se um grito, vozes abafadas e xius. Entram Duchatelet, Chevalier com as mãos pra cima aterrorizado e Galois com uma caixa de papéis.

CHEVALIER: Santo Deus! É agora que a gente bate as botas, Galois! Uma gangue de republicanos!

Pescheux aponta uma pistola para eles.

GALOIS: Calma! Chevalier, isso é coisa que se fala? Eu sou republicano!

RASPAIL: Os soldados do rei já foram mais sutis...

GALOIS: François-Vincent Raspail? Um capitão da revolução de julho! (*reverências*)
Desculpa a postura do meu amigo, ele não sai muito de casa. Meu nome é Évariste Galois.

PESCHEUX (*guardando a arma*): O mesmo que esculachou o diretor da Escola Normal na Gazeta das Escolas?

GALOIS: Foi isso mesmo! Fico honrado que você me conheça, mais um que lutou em julho, Pescheux d'Herbinville!

PESCHEUX: Lutei, sim. E onde estava você?

CHEVALIER (*baixinho para Duchatelet*): É verdade que vocês comem criancinha?

GALOIS: É óbvio...

CHEVALIER: É óbvio??

GALOIS: É óbvio que eu queria lutar também. Naquele dia o diretor trancou as portas da escola.

RASPAIL: O covarde não deixou vocês saírem?

GALOIS: Ele ameaçou chamar a polícia pra cima da gente! no dia 28 de julho! Mas, quando ficou claro que o Carlos X ia cair, ele mudou de lado, passou a apoiar a revolução e apareceu com um enorme broche tricolor no chapéu.

PESCHEUX: Típico.

GALOIS: Foi essa hipocrisia que eu quis denunciar na Gazeta das Escolas.

RASPAIL: Sinto muito que vocês não puderam participar. Se os estudantes da preparatória estivessem junto dos politécnicos, poderíamos ter tido uma vitória.

CHEVALIER: E não tivemos? O novo rei, o Luís-Felipe, ele não é bastante liberal?

PESCHEUX (*irônico*): Ô, se é!

DUCHATELET: O que é que vocês vieram fazer aqui afinal? Além de me dar um ataque cardíaco.

GALOIS: Aquela minha matéria na Gazeta acabou levando à minha expulsão. Eu sou matemático, sabe? E cheguei a um ótimo resultado! Só que agora não tenho o apoio para publicá-lo em lugar nenhum.

DUCHATELET: Ué. Logo agora que tá liberado pra todo mundo publicar o que quiser? Com o nosso rei liberal, agora que atingimos o máximo da liberdade, por que que você ainda não consegue publicar nada, Galois?

CHEVALIER: Só hoje visitamos três prensas, ainda não achamos nenhuma que cabe no nosso orçamento...

DUCHATELET (*irônico*): Não acredito! É quase como se isso dissesse algo sobre a situação das coisas...

PESCHEUX: Bom, infelizmente hoje vocês vão continuar sem imprimir nada. Eu não duvido que os gritos de vocês antes tenham alertado algum guardinha.

RASPAIL: Realmente, estamos de saída. De qualquer forma, eu gostaria de ouvir mais sobre esse seu resultado matemático, Galois.

GALOIS: Verdade?

RASPAIL: Tenho interesse em jovens cientistas que querem mudar o mundo, e não falo apenas do mundo da ciência.

CHEVALIER: Ai, que perigo.

RASPAIL: Amanhã à noite nossos amigos republicanos terão um jantar *civilizado* no Vendanges. Por que você não aparece por lá?

GALOIS: Estarei lá com certeza!

Raspail começa a sair com Chevalier

RASPAIL: E quanto a você? Também é matemático?

CHEVALIER (*preocupado*): Até sou, mas antes você tava falando com um verdadeiro gênio...

Duchatelet sai atrás dos dois

PESCHEUX: Como você ficou sabendo desse lugar?

GALOIS: Tá brincando? Todo socialista que eu conheço imprime aqui, essa é a prensa ilícita mais famosa da cidade.

PESCHEUX: Eu tomaria muito cuidado com quem você traz aqui. Te espero no jantar.

CENA 4:

ALFRED: Eis a transcrição de um julgamento que Alexandre Dumas deixou para a posteridade, referente a um caso ocorrido em um jantar que ele estava presente.

(Alfred toma o lugar de procurador)

PROCURADOR: Prisioneiro Galois, você esteve presente na reunião que se realizou no passado dia 9 de Maio, no restaurante Vendanges de Bourgogne?

GALOIS: Sim, senhor Procurador, e se me permitir instruí-lo sobre a verdade do que aconteceu nele, eu o pouparei do trabalho de me questionar.

PROCURADOR: Vamos ouvir.

GALOIS: Esta é a verdade exata do incidente ao qual devo a honra de aparecer diante de você. Eu tinha uma faca que tinha sido usada para fatiar durante todo o banquete; Sim, é verdade que durante a sobremesa, levantei esta faca e disse: 'A Luís-Felipe...

JÚRI: Ohhh!

GALOIS: ...se ele virar traidor.' Estas últimas palavras foram ouvidas apenas por meus vizinhos imediatos.

JÚRI: *(murmuram em protesto)*

GALOIS: ...por causa das ferozes vaias que foram levantadas pela primeira parte do meu discurso e a noção que pretendia propor um brinde àquele homem.

JÚRI: *(murmuram em acordo)*

PROCURADOR: Então, em sua opinião, um brinde proposto à saúde do rei era proibido naquela reunião?

GALOIS: Com certeza!

PROCURADOR: Um brinde oferecido pura e simplesmente a Luís-Felipe, rei da França, teria causado a revolta daquela conferência?

GALOIS: Certamente.

PROCURADOR: Sua intenção, portanto, era colocar o rei Luís-Felipe ao punhal?

GALOIS: Caso ele se tornasse traidor, sim, senhor.

PROCURADOR: Foi, de sua parte, a expressão de seu próprio sentimento de expor o rei dos franceses como merecedor de um golpe de adaga, ou era sua intenção real provocar os outros a fazerem o mesmo?

GALOIS: Eu desejava incitá-los a tal ato...

JÚRI: Ohhh!

GALOIS: ...se Luís-Felipe se mostrasse um traidor, ou seja, caso ele se aventurasse a se afastar de atos legais.

PROCURADOR: Por que você acha que o rei provavelmente agirá ilegalmente?

GALOIS: Todos se unem no pensamento de que mais cedo ou mais tarde ele se tornará culpado desse crime, se ainda não o é.

PROCURADOR: Explique-se.

GALOIS: Eu pensei que estava claro o suficiente.

PROCURADOR: Não importa! Explique.

GALOIS: Bem, eu digo então, que a tendência de ação do Governo leva a pessoa a supor que Luís-Felipe algum dia será traidor se não já o tiver sido.

ALFRED: “Entendia-se que com tais perguntas e respostas lúcidas o processo seria breve. O júri retirou-se para uma sala para deliberar e trouxe o veredicto: inocente. Eles consideravam Galois louco ou eram eles da opinião dele? Galois foi imediatamente posto em liberdade. Ele foi direto para a mesa em que sua faca estava aberta como prova contundente, pegou-a, fechou, colocou no bolso, curvou-se para o banco e saiu. Aqueles eram tempos difíceis!”

CENA 5

Chevalier, Raspail e Pescheux na prensa. Esperam Galois retornar do julgamento.

RASPAIL: Calma, Chevalier.

CHEVALIER: Talvez por que isso já aconteceu com vocês várias vezes vocês estão acostumados, mas pra mim ser julgado é coisa séria!

PESCHEUX: Cuidado, então. Se te encontrarem aqui com a gente você vira réu primário.

RASPAIL: Pescheux!

CHEVALIER: Haha, muito engraçado. Eu me cuido, minha preocupação é com ele.

RASPAIL: Fui informado que ele fez uma ótima defesa e logo já deve passar por aqui.

(pausa)

CHEVALIER: Você viu o que ele tava usando antes de sair?

PESCHEUX: O que foi, mamãe, esqueceu de lembrá-lo de levar o casaco?

CHEVALIER: Se ele estava de vermelho, a polícia pode ter pego ele de novo no caminho de volta! Aí haverão precedentes e vão mandá-lo direto pras Galés!

RASPAIL: Se Galois fosse preso por suas manifestações, ele seria um preso político em Saint-Pélagie, não iria pras Galés.

(entram Duchatelet e Galois)

DUCHATELET: Olha quem chegou!

CHEVALIER: Évariste!

GALOIS: Augusto, meu amigo! *(se abraçam)*

CHEVALIER: Meu Deus, o que você pensou que estava fazendo?

GALOIS: O que eu pensei?

CHEVALIER: Sim, para ameaçar o rei da França!

GALOIS: Admito que não tava pensando em muita coisa, os vapores do vinho me tiraram a razão.

CHEVALIER: Você é um bobo mesmo. Eu fiquei preocupado.

GALOIS: Quando é que você não está preocupado?

DUCHATELET: Vocês tinham que ter visto a cara do Senhor Dumas quando o júri deixou o Galois sair com a faca...

RASPAIL: Meus parabéns, garoto. Achei que aquela confusão no Vendanges seria seu fim.

CHEVALIER (*pra si mesmo*): E poderia ter sido...

DUCHATELET: Eu proponho um brinde! À Évariste Galois!

GALOIS: Agradeço muito, mas parei de beber.

PESCHEUX: Desde quando?

RASPAIL: É bastante natural, levando em conta o ocorrido.

GALOIS: Não, não foi por isso. Mesmo sóbrio, digo que Luís-Felipe pode se ver comigo (*irônico*) se ele decidir trair o povo francês! Na verdade, é porque preciso de toda minha concentração na escrita de um novo manuscrito

PESCHEUX: Um manuscrito ou um manifesto?

GALOIS: É a minha teoria sobre soluções de equações polinomiais

DUCHATELET: Vai começar a falar chinês, porque vocês provocam ele?

RASPAIL: Bravo! Nunca parem de estudar. É só assim que se tem futuro.

GALOIS: Augustinho, eu queria que você fosse o primeiro que soubesse, o Professor Poisson aceitou minha correspondência.

CHEVALIER: o senhor Poisson! Ah, Évariste, que maravilha! Ele com certeza vai te arranjar uma publicação.

GALOIS: E não teremos mais que nos contentar com migalhas.

RASPAIL: Vai se tornar o matemático mais famoso do mundo!

DUCHATELET: Pra mim que nem conheço nenhum outro, não tem nem competição.

PESCHEUX: Engraçado, achei que você tinha renunciado desse tipo de gente.

GALOIS: Pescheux, se eu convencer esse cara que aceitou falar comigo que eu sou bom... consigo uma cadeira no instituto de ciências, e mudo tudo de dentro pra fora!

PESCHEUX: (*sério*) Entendi, camarada.

CHEVALIER: Quando que você vai falar com ele?

GALOIS: Preciso entregar o manuscrito ao final da semana.

RASPAIL: Nesse caso, o café vai ajudar.

CENA 6

O quadro negro da cena 2 volta à cena. Nele está escrito:

$$x = \frac{-b}{a}$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{\Delta}}{2a}$$

$$\Delta = b^2 - 4ac$$

$$x = \sqrt[3]{\frac{-q}{2} + \sqrt{\frac{q^2}{4} + \frac{p^3}{27}}} + \sqrt[3]{\frac{-q}{2} - \sqrt{\frac{q^2}{4} + \frac{p^3}{27}}} - \frac{a}{3}$$

$$p = (b - \frac{a^2}{3})$$

$$q = (\frac{a^3}{9} + c - b\frac{a}{3} - \frac{a^3}{27})$$

Entra Alfred como irmão de Galois

GALOIS: ...E dá para fazer o mesmo com equações cúbicas, de terceiro grau, só que a fórmula fica mais longa e complicada.

CHEVALIER: O mesmo com as de quarto grau...

ALFRED: E as de quinto grau, e sexto grau, e sétimo grau...

GALOIS: Essas aí não tem.

ALFRED: Não??

CHEVALIER: Não.

ALFRED: Mas como vocês sabem que não tem mesmo?

CHEVALIER: Já estudam isso há muito tempo...

ALFRED: Vocês mesmo disseram que vai ficando mais difícil, pode ser que só não encontraram ainda!

CHEVALIER: Bom, é isso que seu irmão tá tentando provar de uma vez por todas.

ALFRED: Que não tem mesmo como resolver equação de quinto grau ou mais...

CHEVALIER: Não que não tem como resolver, mas que não existe uma fórmula geral que funciona sempre.

GALOIS: Quero conseguir olhar para uma equação de qualquer grau e conseguir dizer se é possível achar uma solução por meio de radicais para ela.

ALFRED: Ahhh, para não perder tempo com todos os cálculos sem nem saber se tem resposta!

PESCHEUX: Ei. A gente precisa de ajuda na panfletagem.

GALOIS: Eu não posso, preciso terminar isso aqui.

PESCHEUX (*para Duchatelet*): A vontade de lutar durou pouco.

DUCHATELET: Deixa pra lá, ele só tá meio sem tempo agora

RASPAIL: Vamos nós três.

Raspail, Pescheux e Duchatelet se concentram em um canto do palco com papéis nas mãos.

GALOIS: Tem uma simetria em cada tipo de solução. Aqui, no sinal de mais ou menos. Aqui, na fórmula de Cardano. E aqui, no final da Quártica.

CHEVALIER: Lagrange já aplicou funções simétricas às equações... Quando as raízes são permutadas, o número de valores é pequeno.

GALOIS: Mas quando ele aplicou à Quíntica, ao invés de ficar mais fácil de resolver, ele chegou a 120 permutações.

GALOIS E PESCHEUX: Precisamos de uma ideia nova!

PESCHEUX: Não mais viver no passado. Vamos nos juntar...

GALOIS: Juntar as soluções dessas equações por suas características. É preciso definir um grupo...

PESCHEUX: Somos um grupo comprometido com a mudança.

CHEVALIER: Galois, talvez esteja faltando alguns exemplos!

GALOIS: A entrega é hoje, vai ter que ser assim.

CHEVALIER: Tenho medo de que ele considere muito pouco...

GALOIS: É o pouco que eu sei que tá certo. Posso pontuar meus teoremas com o corolário: o resto eu não sei!

PESCHEUX: É preciso se associar, abraçar questões sociais, buscar soluções, e não se contentar com o pouco que eles acham que merecemos.

CHEVALIER: Não brinque com isso!

GALOIS: Não estou brincando! A ciência avançaria muito mais rápido se cada cientista compartilhasse cada uma de suas descobertas, por menores que fossem...

PESCHEUX: Vamos todos trabalhar juntos em direção a uma meta em comum!

GALOIS: Está pronto!

As cenas se juntam

RASPAIL: Parabéns, garoto!

CHEVALIER: Vocês querem ir com a gente entregar pro Poisson?

Pescheux é deixada para trás

Raspail, Duchatelet, Chevalier, Alfred e Galois comemoram enquanto caminham até a porta do escritório de Poisson. Uma mão os para.

POISSON: Qual de vocês é Évariste Galois?

seus amigos dão um passo pra trás.

POISSON: Você. Me entregue o manuscrito.

A mão desaparece com os papéis.

POISSON: Volte semana que vem para uma conversa.

CENA 7

GALOIS: Antes de mais nada, Senhor Poisson, eu queria agradecer por essa audiência. O professor com quem eu havia deixado meus manuscritos da última vez, se foi antes de eu ter qualquer resposta, e eu não vi mais nem a sombra deles

POISSON: Sim, eu fiquei muito sentido com essa história, e o que você tinha proposto apresentar realmente me intrigou...

GALOIS: E então?

POISSON: Certo... o que você trouxe aqui... não me diz nada. Na verdade me impressiono com sua capacidade de escrever tanto com tão pouco conteúdo. Me parece mais um livro de gramática do que de matemática! Onde estão os seus exemplos? Isso com certeza ajudaria o leitor a entender melhor o que está aqui. Essa é a minha sugestão para você. Passe mais tempo elaborando exemplos para essa sua... resolução de equações quádruplas? O próprio Abel, que Deus o tenha, já não tinha feito algo parecido?

GALOIS: O que eu fiz não tem nada a ver com Abel. Inclusive, Abel cometeu o mesmo erro que cometi quando eu tinha 16. Essa é uma teoria muito avançada.

POISSON: Você diz que Abel cometeu um erro? Esse é outro que teria se beneficiado de mais tempo de estudo antes de tentar a publicação.

GALOIS: Senhor Poisson, você sabe que eu fui obrigado a me retirar da Escola Normal. Esse trabalho é muito importante pra mim e eu sei que ele está correto.

POISSON: Mas aí é que está, não me entenda mal, mas não importa se você pensa que sabe, se você não conseguir demonstrar pra mim.

GALOIS: Não é possível que o senhor barão Poisson da escola politécnica não consiga ver o que eu estou tentando fazer aqui! Eu deveria ter entrado na politécnica! Mas o instrutor do exame estava sendo tão cabeça dura quanto você agora! Me diga, se eu fosse mesmo tão ruim assim, como foi que eu passei em primeiro de cinco pra entrar na Escola Normal? Se o meu nome não fosse Galois! Você teria lido o manuscrito com mais cuidado?

POISSON: Eu peço que se resigne.

GALOIS: E se eu tivesse entrado lá, se eu fosse um politécnico, todos eles, sanguessugas, estariam fora de seus cargos, porque na revolução de julho eu não teria deixado outro maldito príncipe entrar no lugar do incompetente Carlos X! Tudo não passou de uma miserável intriga palaciana. Aposto que você também considerou essa vergonha uma vitória, e se gente como eu continuar na merda, quem se importa!

POISSON: Pare já...

GALOIS: Fique sabendo que o seu precioso Luís-Filipe não vai durar. O que a França precisa é uma revolução para as pessoas!

POISSON: Você disse o suficiente Évariste! Se quiser manter a última gota de honra que lhe resta eu sugiro que o senhor saia imediatamente do meu escritório. E agradeça por eu não estar chamando a polícia real. Sente a bunda na cadeira e estude por mais tempo que eu tenho certeza que chegará em algum resultado de verdade. Entendeu, meu filho?!

GALOIS: Do que você me chamou?

POISSON: Nada.

GALOIS: Senhor.

POISSON: O que, santo Deus, é que você quer agora?

GALOIS: Eu poderia ter meus manuscritos de volta? Para passar mais tempo neles?

POISSON: O meu secretário não os entregou a você? É uma pena... Devem ter se perdido nos arquivos do instituto!

GALOIS: De novo?

POISSON: Sabe como é agora com essas barricadas e coquetéis molotov, fica tudo uma bagunça! Acaba prejudicando aqueles que mais precisam. Você não fez mais uma cópia?

GALOIS: Não.

POISSON: Da próxima vez, lembre-se de tomar um tempo a mais para passar a limpo e reescrever o que tiver feito, assim não corre esse risco. *(sai)*

entram Raspail, Chevalier, Alfred e Duchatelet

ALFRED: E aí, como foi?

Galois balança a cabeça que não

DUCHATELET: Puts...

CHEVALIER: A gente ainda pode falar com outras pessoas!

RASPAIL: Sinto muito, meu filho. Esse mundo não pode admitir um estudante com seu temperamento. A que seriam reduzidos nossos secretários e chefes que fazem somente o que são mandados, se a semente deste jovem estudioso se propagasse no solo de nossa pátria desafortunada?

GALOIS: Eu já contei para vocês sobre o Abel?

ALFRED: Para mim já.

GALOIS: Ele era um excelente matemático, mas não conseguia emprego.

DUCHATELET: Parece até alguém que eu conheço.

GALOIS: Ficou anos procurando uma vaga, alguém que levasse ele a sério, ele até veio aqui pra Paris uma vez.

RASPAIL: Vocês chegaram a se conhecer?

GALOIS: Não, eu não conhecia o trabalho dele ainda. Ele morreu 5 anos atrás, com 26 anos. Morreu de fome. Morreu pobre sem prestígio algum. E um dia depois dele morrer, chegou uma carta do instituto de ciências. “Senhor Abel! Temos o prazer de convidá-lo para participar de nosso renomado time de matemáticos!” Como pode isso continuar acontecendo? Deixaram um gênio morrer porque era mais fácil do que dar ouvidos para alguém pobre. O Abel morreu nas mãos desse instituto! O mesmo instituto que mantém os livros de matemática bagunçados, para os poucos que têm o tempo de estudar eles. O mesmo instituto que “perde” os meus trabalhos. E se eu morresse também... ninguém nem ia notar.

CHEVALIER: Eu faria eles notarem.

GALOIS: Você?

DUCHATELET: É por isso que a gente diz... a gente vai morrer de qualquer jeito, que seja dando novas oportunidades para os que vêm depois. Vamos partir mandando bala pra cima deles.

RASPAIL: É bem verdade que os guerreiros nórdicos acreditavam que se morressem no campo de batalha, suas almas iriam parar em Valhalla, a parte mais sagrada do além.

DUCHATELET: Quem sabe a gente vai estar montando barricadas até no céu.

CHEVALIER: Évariste, vamos embora.

RASPAIL: Galois, estávamos planejando te contar: nós do Amigos do Povo estamos organizando uma manifestação pro aniversário da Queda da Bastilha...

GALOIS: Estarei lá. Com certeza.

ALFRED: Eu também quero ir!

GALOIS: Você é muito pequeno ainda.

ALFRED: Até lá vou crescer uns centímetros!

CHEVALIER: Você não pode estar falando sério, Galois.

RASPAIL: Vem cá, Alfred, deixa eles conversarem.

saem Raspail, Alfred e Duchatelet

CHEVALIER: Quem é você pra censurar o Alfred? “Muito pequeno ainda”, você não tem espelho em casa?

GALOIS: Ué, queria que eu deixasse ele ir?

CHEVALIER: Não! Eu queria que você percebesse que vocês dois são pequenos demais pra isso. E eu também. Até o Duchatelet e a Pescheux.

GALOIS: Chevalier...

CHEVALIER: Não devia ser a gente se colocando em perigo.

GALOIS: É só assim que eles vão pagar.

CHEVALIER: Somos tão jovens!

GALOIS: Eu não posso mais ficar sem fazer nada.

CHEVALIER: Pelo amor de Deus, não ia te matar ficar quieto seguindo as regras por 3 anos

GALOIS: Que regras? As deles? Você quer que eu jogue o jogo **deles**? Faça-me o favor, pare um pouco pra pensar

CHEVALIER: Sempre tão dramático...

GALOIS: Não é isso que a gente esteve fazendo todo esse tempo? E que bem que fez, pra eu me achar aqui agora, só portas fechadas, ridicularizado por tentar melhorar a situação, o mínimo que fosse?

CHEVALIER: Olha, desculpa. eu acho bonito o que você tá fazendo, eu não quero te impedir de lutar...

GALOIS: Só quer que eu tome mais tempo para considerar tudo isso, né?

CHEVALIER: Quê?

GALOIS: O que mais me irrita é essa maldita perseguição. Até você...

CHEVALIER: Até eu?

GALOIS: Não, principalmente você!

CHEVALIER: Eu to tentando te ajudar!

GALOIS: Fica achando que eu sou idiota.

CHEVALIER: Você é a pessoa mais genial que eu conheço.

GALOIS: Então confia em mim. Eu já explorei todas as outras possibilidades. Agora é matar ou morrer. Eu vou colocar o uniforme da artilharia que baniram, marchar sobre a ponte neuf no aniversário da queda da bastilha, e fazer com que nossas demandas sejam ouvidas.

CHEVALIER: Não posso aceitar que você morra por um reino, uma nação, que seja, que nem liga pra você

GALOIS: Então que eu morra por uma nação que ligue!

CHEVALIER: Não é nem pra morrer! Vai me fazer dizer? Não posso aceitar que você morra! Não antes dos 80 anos, com centenas de trabalhos matemáticos publicados sob o seu nome, resultado do seu trabalho e de mais ninguém!

GALOIS: Para você só importa que eu viva. Não poderia ser mais diferente do que eu penso. Se eu pudesse dar meu corpo pela certeza de uma revolução eu o daria de bom grado. E não me importo que outros levem meu legado pra frente. Não dá pra esperar mais. Tá nas nossas mãos. E aí, a gente finalmente vai ter a chance de reconstruir melhor depois.

CHEVALIER: Do jeito que você sempre sonhou.

GALOIS: Isso mesmo. O Raspail tá me chamando pra acender a chama que vai queimar tudo que é injusto. Você tá mesmo me pedindo pra deixar passar essa chance?

CHEVALIER: Um incêndio, sem dúvida pode fazer uma aurora, mas por que não esperar o nascer do dia?

GALOIS: Porque eu não tenho tempo.

CHEVALIER: Por favor... Não faça nenhuma tolice.

CENA 8:

Alfred toma o lugar de oficial de polícia

OFICIAL DE POLÍCIA: Évariste Galois. 1,67m. Cabelos castanhos. Olhos castanhos. Nariz grande. Boca pequena. Preso por manifestação armada na Ponte Neuf e estar vestido ilegalmente com o uniforme da artilharia. Você passará a maior parte do seu dia aqui no pátio com os outros presos. Sua cela é essa, com essa cama, e não são permitidas reuniões com outros presos neste local.

Assim que o oficial se retira, aparece o bar clandestino onde os presos bebem

RASPAIL: Oh, Galois! Eles também pegaram você.

DUCHATELET: É o nosso bebedor de água!

PESCHEUX: Você precisa de algo mais forte agora.

DUCHATELET: Tá vendo o cheiro? Para entrar com isso aqui a gente esconde dentro das botas do capataz. O chulé distrai o inspetor.

PESCHEUX: Verdade que lá na folia você nocauteou um sargento? Tome aqui.

DUCHATELET: Não se é homem sem mulher e bom vinho!

PESCHEUX: Faça mais um brinde à morte de Luís-Felipe!

DUCHATELET: Ele não!

PESCHEUX: Devia ter voltado para matemática enquanto havia tempo, agora você é nosso!

GALOIS: *(para si mesmo)* “Não faça nenhuma tolice”...

PESCHEUX: O que foi?

GALOIS: Eu não pretendo parar de estudar. Aparentemente, tudo o que todo mundo quer de mim é que eu dedique mais ‘tempo’ à matemática. Agora tenho tempo de sobra.

PESCHEUX: Eis um garoto que nunca está satisfeito! Enquanto tem um teto sobre sua cabeça, uma cama quentinha e sua única obrigação são tarefas escolares, quer rolar na rua com os cães. Quando é mandado pro canil, quer manter sua imagem de CDF!

Raspail e Duchatelet se colocam entre os dois.

DUCHATELET: Parem, vocês dois!

RASPAIL: Estamos vivos, e estamos juntos.

DUCHATELET: Nada está perdido.

RASPAIL: Brigar entre nós mesmos não resolve nada.

PESCHEUX: Tudo bem...

DUCHATELET: Não joguem o bebê fora com a água da banheira!

PESCHEUX: De qualquer forma, eu consigo pensar em um jeito bem mais divertido de provar que estou errado sobre com quem está sua lealdade, Galois (*oferece uma garrafa*)

Galois bebe tudo num gole só e sai.

CENA 9

Galois em sua cela com uma garrafa

Raspail entra.

GALOIS (*falando embolado*): Raspaaaiiilll!

RASPAIL: Como você está se sentindo? Eu trouxe água para você

GALOIS: Eu te amo. Eu te amo! Agora mais do que nunca. Você não bebe, você é um cara sério que ajuda os pobres. Oh, você me faz tão bem por não ter dado risada de mim, como eles riram.

RASPAIL: Eu te asseguro que eles não tiveram a intenção de te trazer tormento. Todos estão fora de si.

GALOIS: Desculpa.

RASPAIL: Não há motivo para se desculpar.

GALOIS: Eu briguei com o Chevalier antes de vir pra cá.

RASPAIL: É por ele que você continua a estudar? Queria eu ter te inspirado a fazer algo produtivo.

GALOIS: Por favor, não pense que eu não valorizo o que fizemos juntos! Eu preciso deles. Eu preciso dos matemáticos e preciso dos republicanos, só que você se afasta de um grupo tentando participar do outro. E eu não posso ficar longe de nenhum dos dois! É importante que a gente mude o nosso modo de viver, e eu não tenho certeza da importância da minha teoria, mas eu sei que ela tá certa! Então eu preciso fazer os dois. Alguém vai me amar se eu fizer os dois? Sabe quando você tá só tentando fazer a coisa certa e ninguém te entende e todo mundo te acha chato...e com razão! Eu sou um chato. Um chato que precisa agradar todo mundo, e quer ajudar todo mundo, e deseja ser feliz. Eu carrego dois homens dentro de mim! Sou impaciente demais para atingir qualquer uma de minhas metas.

RASPAIL: As paixões da sua geração estão todas imbuídas de impaciência.

GALOIS: Você está rindo de mim!

RASPAIL: Não estou!

GALOIS: Veja só. Você me despreza no estado que eu estou.

RASPAIL: É claro que não! Me faz muito triste saber que é isso que você pensa.

GALOIS: Então eu me odeio mais ainda por te causar tristeza. Ah! Você me despreza. Você, meu amigo! E com razão! Por isso eu mereço morrer (*Galois pega uma faca mas Raspail o impede.*)

Com o barulho, entram Pescheux e Duchatelet

PESCHEUX: O que é isso, Galois? Você quer mais um jovem matemático morto, como o Abel? É disso que esse mundo precisa?

GALOIS: O Abel foi diferente, foi culpa daquele maldito instituto de ciências, isso é culpa minha.

DUCHATELET: E não era você que vivia dizendo que foram eles que deixaram você assim?

GALOIS: ...O problema também sou eu, mas eu preciso de muito tempo pra corrigir esses meus problemas, enquanto eles já tiveram esse tempo. Por que sou eu que tenho que arrumar essa bagunça, quando eles já tiveram todo o tempo que tão pedindo pra eu esperar? Mas o que está acontecendo no meu ser? Eu carrego dois homens dentro de mim! E infelizmente acho que um vencerá o outro. *(Galois vomita)*

Galois dorme

DUCHATELET: Argh que nojeira!

PESCHEUX: E depois disso vai dormir? Quanta mordomia...

RASPAIL: É benéfico que ele livre o organismo do que lhe causava aflição.

Os três sobem na cama

PESCHEUX: Ei! Alguém aí fora traz um pano pra gente!

Entra o oficial de polícia

OFICIAL DE POLÍCIA: O que é isso!? Vocês não podem estar aqui juntos! E que cheiro é esse?

DUCHATELET: Ele precisa da nossa ajuda.

OFICIAL: Pouco me importa. Regras são regras. Saiam já daí, e deixem esse moleque lidar com a própria sorte.

RASPAIL: Ora essa... É um absurdo que essa escola de embriaguez ainda não tenha vindo abaixo!

PESCHEUX: Ah, meu amigo Raspail, infelizmente, tudo que dá dor de cabeça aos encarcerados é uma vitória para os algozes...

RASPAIL: Mesmo que esta maquinação em particular não tenha sido arquitetada por eles...

PESCHEUX: E seja contra o regulamento penitenciário. Agora, um infortúnio maior seria se um dos prejudicados aqui fizesse um acordo com o inspetor da prefeitura, uma denúncia sobre o que acontece dentro de Saint-Pelagie. *(vai até o oficial)* Cá entre nós, senhor, acredito que um de nós teria sua pena reduzida, e o outro perderia seu emprego. Mas não perdemos tempo com cenários hipotéticos! Traga já um balde, um esfregão, e dê-nos tempo para limpar essa bagunça, que não se fala mais nisso.

O oficial de polícia retira-se contrariado. Duchatelet e Raspail comemoram.

PESCHEUX (*falando embolado*): O resto é com vocês.

Pescheux também se deita e dorme.

CENA 10

ALFRED: Jogado em Sainte-Pélagie, Galois esperou cinco meses até que o tribunal decidisse sobre seu destino. Uma segunda condenação o colocou atrás das grades por mais seis meses. A polícia dormiu mais tranquila nessas 334 noites, tenho certeza. O que não teriam a temer em um homem virtuoso que calcula todas as suas ações com rigor matemático? Chevalier fez inúmeras visitas a Galois dentro da gaiola. A morte o esperava na saída.

Entra Chevalier, nervoso. Entra Galois. Eles se sentam um de frente para o outro.

CHEVALIER: Oi. Como você está se sentindo hoje?

Pausa

CHEVALIER: Já é quase o dia... Decidiu como a gente vai comemorar quando você sair daqui?

Galois balança a cabeça que não

CHEVALIER: Como vai o trabalho? Escreveu mais um pouco?

GALOIS: Sim.

Galois entrega alguns papéis bruscamente para Chevalier, que os pega com cuidado

CHEVALIER: Ah, isso é muito bom! (*lendo*) “Sobre a hierarquia das ciências”...

GALOIS: Está aí o manifesto que o Pescheux queria.

CHEVALIER: Que bom... muito bom...

GALOIS: Não era o que você esperava.

CHEVALIER: De modo algum! Eu fico feliz com qualquer produção sua!

GALOIS: É engraçado. Tem dias que eu não consigo sair da minha própria cabeça, olhar um centímetro para fora do meu próprio umbigo e parar de pensar nos manuscritos perdidos, no rei, no instituto, e como eu fui injustiçado.

CHEVALIER: Você realmente sofreu muito.

GALOIS: Mas não foi só eu que sofri. Sabia que muitos aqui são estudantes também?

CHEVALIER: Não, não imaginava...

GALOIS: Cientistas inclusive. O Raspail está escrevendo um livro sobre medicina em casa, para quem não tem dinheiro para ir ao médico.

CHEVALIER: Que bom que tem alguém aí para te incentivar a ajudar todos com o que sabe! Sempre imaginei o mesmo futuro para você.

GALOIS: Não sei se tenho futuro. Tenho pensado muito em Abel.

CHEVALIER: Pensado o quê?

GALOIS: Que vou morrer e ninguém vai ficar sabendo de nada que eu fiz.

CHEVALIER: Não, muito pelo contrário!

GALOIS: Nada vai mudar. E eles vão continuar fazendo a mesma coisa todo dia e insistindo no erro porque não percebem que na verdade mudar é mais fácil.

CHEVALIER: Se nada mudou no último ano foi só porque você esteve fora de comissão. Contigo de volta à ativa, trabalhando juntos...

GALOIS: Se cada um pudesse publicar o menor resultado que fosse, todos os matemáticos trabalhando juntos... Enfim, agora é tarde.

CHEVALIER: É bem cedo e temos tempo de fazer tudo que quisermos!

Pausa

GALOIS: Sabe... você estava certo quando disse que se eu ajudasse uma pessoa só, podia transformar um mendigo em um general.

CHEVALIER: *(irônico)* **Eu** estava certo! Você está se sentindo bem?

Pausa

CHEVALIER: Você já me fez mudar de ideia sobre isso. Não acredito mais que é suficiente ajudar uma pessoa só.

GALOIS: Se eu morrer fazendo a coisa certa para um indivíduo... Acho que tudo bem. Vai fazer mais impacto do que apodrecer aqui.

CHEVALIER: Não, vamos seguir o exemplo dos seus colegas, estudar para amparar todos que pudermos

GALOIS: Eles já estão fazendo isso! Todos os dias, tomando ações concretas para socorrer quem está aqui, inclusive a mim. Eu imagino um futuro e uma luta em que eu possa me doar por inteiro, mas faço pouco por quem está ao meu lado.

CHEVALIER: Isso não é verdade.

GALOIS: Farei de tudo pela próxima pessoa que me pedir socorro.

CHEVALIER: Haverão outros depois do próximo.

GALOIS: A próxima pessoa. Darei tudo por ela. Para compensar essa vergonha de vida.

CHEVALIER: Às vezes você cai em um terrível desânimo; e esta cabeça poderosa, onde o gênio fermentou, ferve de ódio e raiva.

GALOIS: Sinto muito por desrespeitar o homem a quem você é tão devoto.

CHEVALIER: “O filho do pobre, martirizado pelo seu gênio, o coração comprimido, os braços atados, a cabeça em chamas, avança na vida de queda em queda, ou da tortura em tortura, em direção ao necrotério ou em direção ao cadafalso.”

GALOIS: Poemas de novo.

CHEVALIER: É principalmente a você que podemos aplicar estes versos.

GALOIS: O bom de estar triste, é que se pode ser consolado.

Galois e Chevalier se levantam.

CHEVALIER: Você vai ser solto logo...

GALOIS: Pois é... ainda tenho algumas coisas para resolver. Te vejo dia 1º de junho.

Saem.

CENA 11:

ALFRED: Galois saiu de Saint-Pélagie antes do esperado por conta de um surto de cólera que ocorreu em Paris. Ele passou as últimas semanas de sua pena na casa de um médico, e foi solto no dia *(sua fala é cortada)*

DUCHATELET: O que você tá fazendo?! Seu irmão está no hospital! Ele foi baleado em um duelo!

Alfred se aproxima da cama do hospital onde Galois se encontra ensanguentado

GALOIS: Não chore. Fiz tudo por alguém que precisou da minha ajuda. Não chore... preciso do resto da minha coragem para morrer aos 20 anos

A cena se torna uma aula de anatomia. Os alunos tomam nota das análises de seu professor, o legista.

ALFRED: 24 horas mais tarde começa a necrópsia do matemático Évariste Galois, 20 anos, conhecido sobretudo por sua imaginação ardente. *(Alfred toma o lugar de legista)*

LEGISTA: Este processo certamente produzirá mais conhecimento científico e terá mais utilidade prática do que a teoria de grupos que o falecido deixou para o mundo. O jovem sucumbiu em 12 horas à peritonite aguda, causada por uma bala disparada a 25 passos. Foi encontrada na lateral esquerda da cabeça um grande hematoma no couro cabeludo. O crânio é removido de seu invólucro. Esse osso não tem mais que 2 milímetros e meio de espessura. O desenvolvimento do parietal é notável em relação ao occipital, que é muito pequeno. A abóbada do crânio é removida circularmente permitindo o acesso ao cérebro, que é pesado, suas circunvoluções amplas, suas fendas profundas, especialmente nas partes laterais. O cerebelo é pequeno; o peso do cérebro e do cerebelo combinados é de três libras e duas onças. Galois, colocado de perfil, recebeu a bala a um centímetro da coluna; passou pelas vísceras abdominais, perfurou os músculos psoas e ilíaco, e o próprio osso ilíaco do lado direito, e passou a se projetar sob a pele entre os glúteos médios e máximos. Em sua jornada pela pele, feriu os ramos ascendentes da artéria ilíaca anterior. Atingiu o ceco, rasgou a parte média dos intestinos, e perfurou o cólon descendente. Deixou os ossos da bacia do lado esquerdo quebrados em diversos pedaços. Vê-se, nos ângulos formados pelos cacos, detritos de chumbo. E na bala, as ranhuras que esses ângulos produziam. Seis onças de sangue foram derramadas na pequena pélvis, o coágulo já havia unido os intestinos ao peritônio, que estava pontilhado de vermelho.

CENA 12

Chevalier entra segurando alguns papéis e abraça Alfred.

ALFRED: O que você está carregando aí?

CHEVALIER: É a sua última carta.

ALFRED: Está cheia de fórmulas!

CHEVALIER: Sim. Ele não tinha jeito, né?

ALFRED: Ele pede que procuremos a opinião de Gauss ou Jacobi sobre a importância de seus teoremas!

CHEVALIER: Sim. Não sei como farei isso! Alfred me perdoe. Quando estávamos na escola, eu falei para ele focar em situações práticas, um a um, e ele disse que precisava lutar na revolução para ajudar todo mundo, aí eu disse para tentar a publicação, ajudar vários matemáticos e ele resolveu morrer por uma pessoa só? Foi só pra ser do contra? Ele nunca me escutou! Foi escutar só quando o conselho levaria a sua morte?

ALFRED: Mas ele tentou mesmo. Nunca conseguiu sua publicação

Pausa.

ALFRED: O que você vai fazer agora?

CHEVALIER: Agora? Eu?

ALFRED (*com um novo ânimo*): Digo, nós!

CHEVALIER: Nós?

ALFRED: Nós precisamos fazer alguma coisa!

CHEVALIER: Nós...precisamos fazer alguma coisa.

ALFRED: Sim!

Chevalier respira fundo.

CHEVALIER: Sim!

ALFRED: Sim?

CHEVALIER: Sim, nós precisamos fazer alguma coisa.

ALFRED: Nós precisamos fazer alguma coisa.

CHEVALIER: Eu já sei o quê.

ALFRED: Vamos falar ao mesmo tempo! 1, 2, 3...

CHEVALIER: Fazer a teoria dele chegar até Gauss.

ALFRED: Nos juntar com nossos amigos e fazer o mundo todo conhecer a teoria do meu irmão! Ah, o que você disse?

CHEVALIER: Fazer a teoria dele chegar até Gauss?

ALFRED: Eu disse isso também! Nos juntar com nossos amigos e fazer o mundo todo conhecer a teoria do meu irmão! Gauss também tá no mundo.

CHEVALIER: De quais amigos você está falando? Mais algum matemático que eu não conheça?

Pescheux entra, com Raspail e Duchatelet atrás.

CHEVALIER: Ah não! Saia daqui!

PESCHEUX: Chevalier, eu sinto muito...

CHEVALIER: Não aceitarei mais provocações suas.

PESCHEUX: Me escute por um momento!

CHEVALIER: Você que só teve implicações com ele, ouça o final de suas cartas, e se arrependerá de tudo que já disse

PESCHEUX: Isso não é necessário. Eu estava ouvindo a sua conversa!

CHEVALIER: “Adeus, tive vida demais pelo bem público!” “Não julguem aqueles que me mataram, eles agiram de boa fé”.

PESCHEUX: Eu só quero ajudar.

CHEVALIER: Ouça! “Guarde minha memória, pois o destino não me deu vida suficiente para que a pátria soubesse meu nome.” “Eu morro seu amigo.”

PESCHEUX: Entendo que ele não era levado a sério entre os grandes da ciência, mas eu queria que vocês soubessem que mesmo que nem sempre concordávamos em todos os assuntos, ele foi uma voz importante entre nós.

CHEVALIER: Ele é conhecido pelo seu republicanismo ardente e acredito que um dia também será por seu gênio científico.

PESCHEUX: Nisso ele é quase completamente ignorado. Eu e você sabemos bem o porquê.

CHEVALIER: O filho do pobre avança na vida de queda em queda, ou da tortura em tortura, em direção ao necrotério ou em direção ao cadafalso...

PESCHEUX: Tem muita gente que ainda está esperando ouvir o desfecho de sua história.

CHEVALIER: Mas como contar para todos?

ALFRED: A prensa dos Amigos do Povo!

DUCHATELET: Isso mesmo!

RASPAIL: Podem contar conosco. E depois que estiver tudo redigido e impresso, fiquem sabendo que eu tenho muita experiência de panfletagem.

CHEVALIER: Certo. Eu estou com vocês!

Saem todos menos Alfred.

ALFRED: Em 1832, Évariste Galois foi enterrado em uma vala comum. Naquele mesmo ano, Auguste Chevalier publicou a última carta de Galois na Revista Enciclopédica, junto de um obituário escrito por ele com muito amor. Em 1896, Paul Dupuy publicou uma biografia sobre esse importante aluno da Escola Normal. Em 2024, Galois pode servir de motivador, pois sua vida e morte são consideradas interessantes em uma matéria que é considerada chata: a matemática. Quem se beneficia com essa fama da matemática? De que ela é para os poucos gênios que a entendem? Se existem pessoas de exatas e pessoas de humanas, categorias mutuamente exclusivas e facilmente dissociáveis, onde, nessa divisão, estão os humanos que criam a matemática?

CENA 13

Chevalier, Pescheux, Duchatelet voltam com páginas da revista enciclopédica, entregam algumas delas para Alfred

CHEVALIER: Vamos, Alfred!

ALFRED: Chamando todos os matemáticos de Paris e além! Venham ver a incrível Teoria dos Grupos! Um modo completamente novo de fazer Álgebra! Tudo graças ao brilhante Évariste Galois!

PESCHEUX: Quem foi o agitador por trás do famoso caso do brinde no Vendanges? Saiba tudo aqui nesta matéria exclusiva, com depoimentos de seu amigo íntimo!

CHEVALIER: Pescheux, pare com o sensacionalismo! Extra! Extra! Não se pergunte mais se tal equação de oitavo grau tem raiz! Agrupe tudo e tenha sua resposta, siga o conselho do grande Évariste Galois!

DIRETOR (*aparecendo de uma das coxias*): Ah, sim. Todo mundo já entendeu que vocês gostavam muito dele. Mas ninguém quer ouvir sobre como você gosta muito de alguma coisa. O que vocês realmente sabem de matemática?

DUCHATELET: Vou ser honesto, eu não sei muito não, mas que diferença faz? Muitos outros tinham esse mérito e mesmo assim não foram ouvidos. Se eu conseguir fazer vocês prestarem atenção, será o suficiente. Ouçam, matemáticos, com isso vocês pouparão muito tempo!

ALFRED: É! Está tudo aqui no papel! Ou quase tudo... parece que faltou completar umas coisinhas... Pouco importa! Nessa mesma lógica, finalmente está provado que não existe fórmula para resolver equações de grau 5 ou maior!

Poisson aparece

POISSON: Eu fiquei sabendo do que aconteceu com ele, é uma pena, ele podia ter ido longe.

ALFRED: E ainda pode ir! O senhor não quer analisar essa prova?

POISSON: Eu já tentei e não foi pra mim. Mas não pare de procurar. Acho que Liouville estava interessado nessa área (*desaparece*)

ALFRED (*para Chevalier*): Vocês ouviram? A gente ainda tem esperança.

CHEVALIER: Até o Poisson quer que a gente continue.

RASPAIL: E saber que Galois não viveu o suficiente para presenciar essa mudança de atitude... Há seres que o bom Deus retira dessa terra no momento em que seus jovens olhos estão prestes a vislumbrar o fim deste inexorável sofisma das nossas mentirosas instituições.

DUCHATELET: Espero que isso signifique que não teremos que continuar a ouvir a mesma história se repetindo por muito mais tempo.

ALFRED: Eu vou continuar tentando espalhar a teoria de meu irmão, para que finalmente alguém que não esteja ocupado demais ou cego demais para ver sua importância consiga colher seus frutos.

PESCHEUX: E nós vamos lutar para que **todos** tenham a oportunidade de mostrar o que sabem.

CHEVALIER: Vamos, então.

PESCHEUX: Juntos.

ALFRED: Juntos.

CHEVALIER: Não temos tempo a perder.

Todos menos Alfred jogam seus papéis para cima. Saem todos menos Alfred

ALFRED: Como é triste lembrar de Évariste vivo e com tanta determinação quanto sentimos agora, para denunciar opressão e exploração, sabendo que ele se foi sem ver seu fim. Será que no futuro seremos vistos também assim, ainda sob opressão e exploração, com as pessoas exclamando “mas já naquele tempo...?”. Ó sociedade! Aqui está o seu dilema; deixe-se enganar pelo mal, ou não acredite mais no bem!

FIM

5 FECHAM-SE AS CORTINAS

Palmas. Reverências. Um suspiro profundo. Chegamos ao final!

Lá no início, quando apresentei o projeto do TCC, a banca expressou o sentimento que eu estava propondo demais para um Trabalho de Conclusão de Curso, e que eu poderia deixar uma parte dessa pesquisa para o mestrado. Eu tive pressa. No final, estou feliz com o resultado, mas eu poderia ter exigido menos de mim se tivesse ouvido esse conselho.

Durante a execução desse projeto, atingi um novo entendimento da relação teatro-educação, que havia sido um dos pontapés iniciais da pesquisa. Eu passei um tempo pensando que estava defendendo a honra do teatro contra a visão utilitarista desses matemáticos miseráveis! Julgamento incorreto, pois aprendi que o Teatro Científico se dá de muitas maneiras, e meu trabalho, na verdade, tem seus pontos em comum com os de quem quer fazer teatro para aprender matemática de forma lúdica.

Algo que eu não abri mão, e que é um diferencial deste trabalho, é a política. Explicitei na peça as relações entre a pobreza e as grandes instituições de ciência da época de Galois, e me orgulho de poder ter trazido reflexões quanto ao nosso próprio tempo, pois a democratização do acesso ao conteúdo científico ainda é uma pauta pertinente. Brecht surgiu nessa pesquisa para fugir do suposto utilitarismo do teatro, mas seus textos acabaram dando alicerce no sentido político da peça. A articulação entre as três áreas se mostrou ainda mais frutífera, quando percebi que o autor que eu busquei para um aspecto, também teve seu espaço em outro.

No futuro, quero continuar escrevendo ou pesquisando, sob essa mesma perspectiva. Vou sempre continuar fazendo teatro, e talvez eu me aventure novamente na área da dramaturgia, contando outra história sobre ciência. Para além do teatro, tenho vontade de continuar pesquisando sobre Galois. Por sua vida ter sido tão curta, e por ele ter vivido em um período tão tumultuado, são poucos os documentos que sobrevivem. Ainda assim, acredito que há ainda outras visões que podem ser lançadas sobre eles. Tem uma questão que me faz indagar desde minha Iniciação Científica, é possível que a ideia da teoria de grupos veio justamente a partir da noção de uma associação entre cientistas, que por sua vez surgiu de seus ideais republicanos, ligando ainda mais os dois mundos de Galois? Quando eu tiver mais tempo, quero retornar a isso. O resto eu não sei.

Vou comentar sobre mais um paralelo, que foi estabelecido desde que as cortinas se abriram, no começo deste trabalho. Eu dei muito dos meus próprios medos para o

personagem Galois. Fiz isso porque sabia que eles eram infundados, e alimentar esses medos está em dissonância com uma de minhas convicções centrais: como posso lutar por uma sociedade em que todos têm espaço para contribuir e são aceitos, se fico pensando que vão me julgar por tentar algo diferente? Precisei confiar que meus colegas ficariam ao meu lado, precisei ser vulnerável, e pedir ajuda. É o que o personagem não foi capaz de fazer. Muita gente se ofereceu para ler, conversar, me ouvir... foi essencial para chegar até aqui. A própria execução do projeto comprovou a reflexão presente nele. Por isso, agradeço novamente, a todos vocês.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABDO, Alexandre. Ciência Aberta, da ciência para todos à ciência com todos. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 460-471, novembro 2014.
2. BELL, Eric Temple. **Men of mathematics**. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1986.
3. BENTO, Franciele; MEN, Liliana. Teatro e educação: uma relação a ser redesenhada. In: **IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE**. PUCPR. 2009.
4. BOYER, Carl B.; MERZBACH, Uta C. **História da matemática**. Editora Blucher, 2019.
5. BRECHENMACHER, F. Galois Got his Gun. **arXiv (Cornell University)**, 1 jan. 2011.
6. BRECHT, Bertolt. **Pequeno Organon para o teatro**. Lisboa: Portugalia Editora, 1964
7. BRECHT, B. Amplitude e variedade do modo de escrever realista. *Estudos Avançados*, v. 12, n. 34, p. 267–276, dez. 1998.
8. CARNOT, Pamm H; LEROUX, P. Sur les prétendus doctrines de 93. *Revue Encyclopédique*. Paris, Tome LV, p. 5-27. 1832
9. CHEVALIER, A. Évariste Galois. *Revue Encyclopédique*. Paris, Tome LV, p. 5-27. 1832
10. CHEVALIER *et al.* Résumé général de l'exposition faite en 1829 et 1830. *Doctrine Saint-Simonienne*. Paris, Éverat, Imprimeur, Rue Du Cadran , N° 16, 12ª edição. 1831.
11. CRUZ, Karina Branco da. **Introdução à Teoria de Galois**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2014.
12. DUMAS, Alexandre; WALLER, E. M. **My Memoirs**. Vol. 5. Nova Iorque: The Macmillan Company. 1908.
13. DUPUY, Paul. La vie d'Évariste Galois. *Annales scientifiques de l'École Normale supérieure*. p. 197-266. 1896.
14. FARIA, Juliano Espezim Soares; DUARTE, Claudia Glavam. Teatro e educação matemática escolar: problematizações foucaultianas. **Revista REAMEC-Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática [recurso eletrônico]**. Cuiabá, MT: Universidade Federal de Mato Grosso, 2022. Vol. 10, n. 2 (2022), e22035, 22 p., 2022.
15. **The Entry Tactic – League for the Fifth International**. 30 de maio de 1983. Disponível em: <<https://fifthinternational.org/entry-tactic/>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

16. GALILEI, G. O Ensaaiador. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973, pp. 99-238.
17. GALOIS, Évariste; NEUMANN, Peter M. **The mathematical writings of Évariste Galois**. European mathematical society, 2011.
18. GISPERT, Hélène. Mathematics education in France: 1800–1980. **Handbook on the history of mathematics education**, p. 229-240, 2014.
19. HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.
20. KATZ, Victor J. A History of Mathematics (3. udg.). 2009.
21. LOPES, Thelma; DAHMOUCHE, Monica Santos. Teatro, ciência e divulgação científica para uma educação sensível e plural. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 3, n. 36, p. 306-325, 2019.
22. MAFRA, Beatriz Bonelli. A liberdade guiando Galois. **UFSC**. Blumenau, 2022.
23. MIGUEL, Antonio. As potencialidades pedagógicas da história da matemática em questão: argumentos reforçadores e questionadores p. 73-106 (Primeira Parte: 73-89). **Zetetiké**, v. 5, n. 2, 1997.
24. MOREIRA, Leonardo Maciel; MARANDINO, Martha. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, p. 511-523, 2015.
25. PAULA, Maria José de; ZAIDAN, Samira. Ofício docente diante do “novo” aluno e da “matemática escolar”. In: TEIXEIRA *et al.* **Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012. p. 311-329.
26. RASPAIL, F-V. XXXVI^e Lettre, 25 juillet 1831. Réforme Pénitentiare, Lettres sur les prisons de Paris Paris, Vol. II, p. 73-109, 1839
27. ROQUE, Tatiana. **História da matemática**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.
28. ROSENFELD, Anatol. **Brecht e o teatro épico**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2012.
29. ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 1985.
30. ROTHMAN, Tony. Genius and biographers: the fictionalization of Evariste Galois. **The American Mathematical Monthly**, v. 89, n. 2, p. 84-106, 1982.
31. VIANA, Nildo. Crítica ao Moralismo. Revista Posição, Ano 2, Vol. 2, num. 7, jul./set. 2015.

ANEXO A - Obituário escrito por Auguste Chevalier

NÉCROLOGIE.

EVARISTE GALOIS.

Il y a trois ans bientôt que j'ai connu Galois; notre liaison commença à l'Ecole Normale, où il entra un an après moi. Je ne restai pas longtemps sans concevoir une haute idée de son mérite; et les relations fréquentes qui nous ont rapprochés m'ont empreint de respect pour la hauteur de son génie.

Je désespérais assurément de faire partager au public les regrets et la vénération dont j'entoure la mémoire de mon ami, s'il ne me restait le précieux dépôt des travaux dont il m'a confié l'héritage. GALOIS est connu par son ardent républicanisme, par les jugemens qu'il a subis et par de longues détentions: il le sera bien plus un jour par son génie scientifique. Sous ce rapport, il est presque complètement ignoré; et cependant il fit de nombreuses tentatives auprès de l'Académie des sciences pour répandre ses découvertes; tous ses efforts furent inutiles.

Dès l'âge de quinze ans, Galois donna des signes brillans d'une vaste intelligence en mathématiques (il était alors au collège Louis-le-Grand), Bientôt ses méditations s'élevèrent jusqu'à la plus haute analyse.

En 1829, c'est-à-dire à dix-sept ans, il avait fait sur la théorie des équations des découvertes de la plus haute importance. Il s'était rencontré avec ABEL de Christiania, cet illustre et malheureux jeune homme, mort de misère au moment où le gouvernement prussien venait de lui accorder une pension pour l'attirer à Berlin. Le nom d'ABEL était, à cette époque, complètement inconnu à GALOIS; ce qui est d'autant plus remarquable, que les propriétés des équations qu'il trouva, et qu'ABEL venait de publier de son côté, forment un des plus beaux titres de gloire de ce savant. Et ce que j'avance ici, je puis le prouver par le témoignage de M. Cauchy, qui se chargea de présenter, en 1829, à l'Académie des sciences un extrait de la théorie conçue par GALOIS⁶

Cet extrait fut perdu pour son auteur, qui le réclama inutilement au secrétariat de l'Académie; il avait été égaré.

A l'âge de seize ans, GALOIS était tombé dans la même erreur qu'ABEL, relativement à la résolution des équations générales du cinquième degré: il crut, comme lui,

⁶ Voici d'ailleurs une note trouvée dans les feuilles de Galois, et qui confirme ce qui précède:

“Abel paraît être l'auteur qui s'est le plus occupé de cette théorie (la théorie des équations). On sait qu'après avoir cru trouver la résolution des équations générales du cinquième degré, ce géomètre a démontré l'impossibilité de cette résolution. Mais dans le Mémoire allemand publié à cet effet, l'impossibilité en question n'est prouvée que par des raisonnemens relatifs au degré des équations auxiliaires; et à l'époque de cette publication, il est certain qu'Abel ignorait les circonstances particulières de la résolution par radicaux. Je n'ai donc parlé de ce Mémoire que pour déclarer qu'il n'a aucun rapport avec ma théorie.”

“Il a ensuite démontré la résolubilité, par radicaux, d'équations particulières qui diffèrent peu par leurs propriétés des équations binomes; mais il n'a rien laissé sur la discussion générale du problème qui nous a occupé: car, une fois pour toutes, ce que notre théorie a de remarquable, c'est de pouvoir dans tous les cas répondre oui et non.”

D'ailleurs, il me serait aisé de prouver que j'ignorais même le nom d'Abel, quand j'ai présenté à l'Institut mes premières recherches sur la théorie des équations, et que la solution d'Abel n'aurait pu paraître avant la mienne.”

l'avoir trouvée; mais, comme lui aussi, il ne tarda pas à la déclarer impossible. C'est là un rapprochement fort singulier entre Galois et le géomètre norvégien; mais ce rapprochement n'est pas le seul.

Le peu d'attention donné par l'Institut au premier travail soumis à son jugement par Galois commença pour lui des douleurs qui, jusqu'à sa mort, devaient se succéder de plus en plus vives. Une telle indifférence aurait suffi pour guérir de toute ardeur scientifique, mais il n'en fut point abattu; une puissante nature le poussait en avant.

A la fin de 1829, il se présenta, pour la seconde fois, à l'École polytechnique. Il ne fut pas jugé capable d'y entrer. Après les travaux importants qu'il avait déjà faits, il lui était permis de croire à une admission certaine; qu'on juge de ce qu'il avait droit d'éprouver: il demeura cependant grave et patient dans sa douleur. Cet échec, dans un examen, était fait pour surprendre ses amis et ses condisciples, qui reconnaissaient son immense supériorité. En effet, au cours de mathématiques spéciales, de Louis-le-Grand, il s'était signalé avec la plus haute distinction, et les concours généraux de Paris avaient été témoins de son triomphe.

Mais, en cette même année, un autre coup, bien plus terrible, vint l'accabler. M. Galois son père, homme d'une haute probité, ne put résister aux dégoûts qui l'abreuvaient dans ses fonctions de maire à Bourg-la-Reine (près Paris): il mit un terme à de cuisans chagrins par une mort violente. Le jeune Galois avait pour son père une affection peu ordinaire; cette mort fit à son cœur une blessure profonde qui ne s'est jamais fermée. J'aurais de la peine à peindre la douleur qui se lisait dans les yeux, enflammés tout à coup, de ce pauvre jeune homme, dans les mouvements des muscles de son visage, dans sa voix devenue tremblante, sèche et altérée, lorsqu'au milieu de nos entretiens intimes il me racontait la perte cruelle qu'il avait faite. Dans le mois de février 1830, Galois, alors élève à l'École normale, rédigea un long Mémoire sur la théorie des équations, le porta au secrétariat de l'Académie des sciences, et se fit inscrire comme concurrent pour le grand prix de mathématiques. Son dessein était principalement d'attirer l'attention des savans sur ses travaux. Il savait fort bien qu'aujourd'hui les grands prix ne sont pas décernés aux jeunes gens; mais il ne se doutait peut-être pas alors dix-huit ans et le titre d'élève étaient des recommandations tout au plus suffisantes pour faire rire de ses prétentions, et faire condamner sans lecture des conceptions tout-à-fait neuves.

Galois espérait que son Mémoire, écrit avec conscience et détail, lui vaudrait, de la part de l'Académie, réparation de l'oubli affligeant où elle l'avait laissé l'année précédente. Ce Mémoire fut égaré comme le premier; et lorsque l'auteur adressa une lettre à l'Institut pour réclamer son travail, j'entendis un grand homme, que la science pleure aujourd'hui, dire en pleine séance. "Mais la perte de ce Mémoire est une chose très-simple! Il était chez M. Fourier qui devait le lire, et, à la mort de ce savant, le Mémoire a été perdu." Et l'Académie passa outre.....

Galois prit dès ce moment la résolution d'abandonner la voie que l'Académie offre au talent naissant pour se faire connaître; il comprenait avec douleur que cette voie était imaginaire. Et cependant il était destiné à en faire encore une fois la triste expérience. Ayant été forcé de sortir de l'École normale au commencement de 1831⁷, par suite d'une

⁷ Cette sortie de Galois de l'École normale ne fut point une exclusion: le conseil royal de l'instruction publique décida qu'il ne perdait ni le titre ni les avantages des élèves de l'école.

mésintelligence survenue entre le directeur et lui , il eut occasion de voir M. Poisson . Ce savant invita Galois à écrire de nouveau les théories qu'il avait soumises à l'académie dans le manuscrit égaré l'année précédente. Ce conseil fut suivi, parce qu'il était donné avec bienveillance. M. Poisson se chargea de présenter le travail à l'Académie; on le nomma pour en rendre compte, et il vint déclarer, après quatre mois d'attente, qu'il n'avait pu le comprendre.

Il fallait que Galois sentît en lui un élan bien vigoureux , pour ne pas abandonner une carrière qui ne lui rapportait que froissements et tribulations poignantes. Il continua ses recherches avec une persévérance admirable, jusque dans les cachots où il étonnait ses geôliers par les promenades qu'il faisait autour des murs, la tête penchée et d'un pas mesuré, en travaillant des heures entières. Quoique très-jeune, il possédait une vaste érudition; il connaissait parfaitement les travaux des mathématiciens les plus célèbres, tels que Lagrange, Gauss, Legendre, Abel, Cauchy, Jacobi de Kœnisberg, etc., et s'assimilait leurs œuvres avec une facilité prodigieuse. Discuter sur l'ensemble des ouvrages les plus ardues , les simplifier, les refaire même, semblait ne pas lui coûter le moindre effort. Son habileté à exposer les questions les plus élevées était surprenante. Ne pouvant souffrir les calculs qui lui paraissaient trop longs, il était pour eux impitoyable; il les biffait promptement, et savait les remplacer par d'autres plus faciles, moins étendus, et d'un mécanisme aussi ingénieux.

L'on peut donc, sans crainte, affirmer que la science a fait en lui une grande perte, non seulement comme inventeur, mais encore comme savant didactique.

Galois sentait surtout le vice radical qui s'oppose aujourd'hui au progrès de la science . Il était vivement choqué du défaut de lien entre les savans et appelait de tous ses vœux une hiérarchie solidement fondée, une association, qui, suivant son expression, décuplerait leurs forces⁸. Il avait aussi le pressentiment d'une direction toute nouvelle à donner aux recherches scientifiques. Dans les écrits de Galois, on remarque une critique parfois rude, mais d'une grande justesse. Il était blessé de la manière longue et diffuse dont sont faites, pour la plupart, les expositions de doctrine publiées par les savans; c'était un des abus qui le blessaient le plus: et, en effet, il est de la plus haute importance pour le progrès des sciences de les exposer avec une claire brièveté, et de ménager ainsi le tems de ceux qui se livrent à leur étude.

Galois sentait profondément ce vice, et voulait le combattre par son propre exemple. Voilà pourquoi, dans l'exposition de ses idées, il faisait usage d'un style concis, évitant avec soin de faire parade de ses connaissances et de chercher à surprendre le lecteur par un éclatant vernis de savoir.

⁸ Voici quelques pensées que je trouve dans les feuilles de Galois:

“Chaque époque a, en quelque sorte, ses questions du moment; il y a des questions vivantes qui fixent à la fois les esprits les plus éclairés, comme malgré eux, et sans qu'aucun accord ait présidé à ce concours.

“Il semble souvent que les mêmes idées apparaissent à la fois à plusieurs, comme une révélation. Si l'on en cherche la cause, il est aisé de la trouver dans les ouvrages de ceux qui nous ont précédés, où ces idées sont présentes à l'insu des auteurs.”

La science n'a pas tiré, jusqu'à ce jour, grand parti de cette coïncidence observée si souvent dans les recherches des savans. Une concurrence fâcheuse, une rivalité dégradante, en ont été les principaux fruits en cela les savans appartiennent à leur époque; tôt on tard ils décupleront leurs forces par l'association; alors, que de tems épargné pour la science!

Plus bas j'ai trouvé cette phrase:

“La hiérarchie est un besoin même pour l'inférieur.”

La bonne foi était son fait, et, mesurant sans doute l'intelligence de ceux à qui ses œuvres étaient destinées sur la sienne propre, il passait rapidement, trop rapidement peut-être, sur les idées secondaires; ce qui le rendait difficile à lire.

Dans tout ce que je viens de dire sur GALOIS, j'ai fait abstraction de la partie la plus dramatique de sa vie; je n'ai point parlé des causes qui, à des époques différentes, amenèrent ses arrestations et ses emprisonnements. Il importe cependant à l'honneur de sa mémoire que cette dernière partie de sa vie, la plus intéressante, par le malheur dont elle est pleine, reçoive une éclatante publicité; car on ne connaît guère Galois que sur la foi de feuilles plus disposées à prodiguer le blâme qu'à se montrer impartiales.

En sortant de l'École normale, au commencement de 1831, il fut jeté au milieu d'un monde uniquement préoccupé de ce qu'on nommait alors les conséquences de juillet. Les questions d'amélioration sociale étaient fortement agitées, et Galois sentait au fond du cœur tout ce que l'état des choses renfermait d'imperfection et de misère. Il était blessé et comme indigné des entraves qui entourent le mérite à qui l'aveugle naissance a refusé ses avantages. Il se sentait ému à la vue de tant de génies avortés faute de secours, et de cruels souvenirs donnaient à sa réflexion une énergique amertume. Ce fut alors qu'il s'abandonna tout entier à l'entraînement des idées républicaines.

Je ne cacherai point les imprudences auxquelles une exaltation irréfléchie l'entraîna. En ne cherchant point à les excuser, je ne ferai que suivre l'exemple qu'il donnait lui-même avec tant de dignité et de franchise.

Pour cette fameuse affaire du toast porté au banquet républicain des Vendanges de Bourgogne, je citerai sans plus de commentaires le commencement de la lettre qu'il m'écrivit alors de Sainte-Pélagie: "Je suis sous les verroux!!!..... Tu as entendu parler des Vendanges de Bourgogne. C'est moi qui ai fait le geste..... Mais ne m'adresse pas de morale, car les fumées du vin m'avaient ôté la raison...."⁹

Après avoir subi une prévention assez longue à Sainte - Pélagie, il fut jugé, et condamné à y rester encore trois mois. Le séjour d'une prison où les détenus pour cause politique sont entassés les uns sur les autres, était peu propre à faire revenir Galois de ses passions républicaines.

Galois sortit de prison le cœur gonflé de désespoir; il était isolé dans le monde. Ses idées scientifiques le préoccupaient toujours; elles avaient contribué à lui rendre sa détention moins insupportable. Je dois même dire que j'ai vainement cherché dans ses feuilles quelques notes sur ses idées politiques; j'ai été fort surpris de n'en rencontrer aucune. Ses papiers sont presque uniquement remplis de calculs analytiques. C'est ce que croiront difficilement sans doute les personnes qui n'ont connu Galois que d'après les publications de la police, répandues en Paris et en province après le 14 juillet 1831, où l'on raconte l'arrestation du républicain Galois comme on aurait raconté la prise d'un Trestraillons.

Persuadé que ses travaux avaient une grande importance, il se sentait toujours poussé à les faire connaître: nous avons déjà indiqué combien d'inutiles efforts il avait déjà tentés pour arriver à son but. Il n'avait plus désormais qu'une seule voie pour l'atteindre; c'était l'impression de ses œuvres. Ce moyen lui permettait de les répandre chez les savans français et étrangers; et il fondait beaucoup d'espoir sur le jugement que devaient porter deux hommes

⁹ Ce fut Galois qui, dans ce banquet, leva un couteau, et prononça ces paroles: "A Louis-Philippe, s'il trahit."

célèbres, MM. GAUSS et JACOBI; et c'est ici que, remplissant les dernières volontés de Galois, je prie publiquement ces savans de vouloir bien prononcer leur opinion sur ses travaux, avec la conscience et l'indépendance qui les distinguent. Mais cette planche de salut devait encore échapper à Galois. Les frais que nécessitait la publication de ses manuscrits s'élevèrent beaucoup au-dessus de la dépense qu'il pouvait supporter. Dès-lors un profond découragement s'empara de lui: la vie lui devint un fardeau; il chercha à s'étourdir. Il lui fallait des secousses violentes, et il se jeta dans le plus ardent tourbillon de la politique.

Sorti une première fois de prison, Galois ne devait pas jouir d'une longue liberté. Le 14 juillet, il fut arrêté dans les rues de Paris en habit d'artilleur, et muni d'une carabine chargée¹⁰. Jeté à Sainte-Pélagie, il attendit pendant cinq mois que le tribunal voulût bien prononcer sur son sort. Une seconde condamnation le rejeta pour six mois encore sous les verroux. La mort l'attendait à la sortie.

Il a bien souffert!.. Parfois, il tombait dans un découragement affreux; et cette tête puissante, où fermentait le génie, bouillonnait de haine et de colère. C'était à lui surtout que l'on aurait pu appliquer ces paroles:

“L'enfant du pauvre, martyrisé par son génie, le cœur comprimé, les bras liés, la tête en feu, s'avance dans la vie de chute en chute, ou bien de supplice en supplice, vers la morgue ou vers l'échafaud.”

C'est en citant les lettres que m'écrivit mon malheureux ami, que je pourrai faire sentir et comprendre l'énergique désespoir qui, dans ces derniers temps, l'avait envahi tout entier.

Voici une lettre datée du 25 mai:

“Mon bon ami, il y a du plaisir à être triste pour être console; on est vraiment heureux de souffrir quand on a des amis. Ta lettre, pleine d'onction apostolique, m'a apporté un peu de calme. Mais comment détruire la trace d'émotions aussi violentes que celles où j'ai passé?

Comment se consoler d'avoir épuisé en un mois la plus belle source de bonheur qui soit dans l'homme, de l'avoir épuisée sans bonheur, sans espoir, sûr qu'on est de l'avoir mise à sec pour la vie?

Oh! venez après cela prêcher la paix! Venez demander aux hommes qui sentent d'avoir pitié de ce qui est! Pitié, jamais! haine, voilà tout. Qui ne la ressent pas profondément, cette haine du présent, n'a pas vraiment l'amour de l'avenir.

Quand la violence ne serait pas une nécessité dans ma conviction, elle le serait dans mon cœur. Je ne veux pas avoir souffert sans me venger..

A part cela, je serais des vôtres.

Mais laissons cela; il y a des êtres destinés peut-être à faire le bien, mais à l'éprouver, jamais. Je crois être du nombre.

Tu me dis que ceux qui m'aiment doivent m'aider à applanir les difficultés que m'offre le monde. Ceux qui m'aiment sont, comme tu le sais, bien rares. Cela veut dire, de ta part, que

¹⁰ Dans les nombreuses visites que j'ai faites à Galois dans sa prison, il m'a plusieurs fois affirmé qu'il était sorti en habit d'artilleur afin de tromper la garde nationale, à laquelle on avait donné son signalement. Il voulait, par ce déguisement, éviter le sort dont on l'avait menacé. On lui avait rapporté que des gardes nationaux avaient déclaré vouloir le fusiller s'ils venaient à le découvrir. “J'ai pris une carabine chargée, ajoutait-il, pour défendre ma vie, si l'on essayait de tirer sur moi.”

tu te crois, quant à toi, obligé à faire de ton mieux pour me convertir. Mais il est de mon devoir de te prévenir, comme je l'ai fait cent fois, de la vanité de tes efforts.

J'aime à douter de ta cruelle prophétie quand tu me dis que je ne travaillerai plus. Mais j'avoue qu'elle n'est pas sans vraisemblance. Il me manque, pour être un savant, de n'être que cela. Le cœur chez moi s'est révolté contre la tête; je n'ajoute pas comme toi: C'est bien dommage.

Pardon, pauvre Auguste, si j'ai blessé ta susceptibilité filiale en te parlant lestement de l'homme à qui tu es dévoué. Mes traits contre lui ne sont pas bien acérés, et mon rire n'a rien d'amer. C'est beaucoup de ma part dans l'état d'irritation où je suis.

J'irai te voir le 1er juin. J'espère que nous nous verrons souvent pendant la première quinzaine de juin. Je partirai vers le 15 pour le Dauphiné.

Tout à toi,

E. GALOIS.

En relisant ta lettre, je remarque une phrase où tu m'accuses d'être enivré par la fange putréfiée d'un monde pourri qui me souille le cœur, la tête et les mains.

Il n'y a pas de reproches plus énergiques dans le répertoire des hommes de violence .

De l'ivresse! Je suis désenchanté de tout, même de l'amour de la gloire. Comment un monde que je déteste pourrait-il me souiller? Réfléchis bien."

Au lieu d'une vie qui pouvait devenir si glorieuse et si belle, un mort obscure , causée par une querelle d'amour , fut le partage de Galois. J'ignore les détails qui amenèrent cette fin déplorable : Galois m'a toujours laissé à ce sujet dans l'ignorance la plus complète; je n'ai pu recueillir quelques détails qu'à la fin du mois de juin , lorsque sa mère désolée m'a fait remettre ses manuscrits, avec la lettre qu'il m'a écrite quelques heures avant d'aller sur le terrain. Cette lettre témoigne de sa présence d'esprit au moment qui précéda sa mort, elle augmentera l'intérêt qu'il mérite à tant de titres; c'est d'ailleurs un éclatant programme de travaux offert aux hommes de la science.

Mais voici deux autres lettres écrites aussi quelques heures avant le duel fatal: la première s'adresse à tous les républicains, ses amis; la seconde à deux républicains qu'il affectionnait particulièrement:

"Je prie les patriotes, mes amis, de ne pas me reprocher de mourir autrement que pour le pays.

Je meurs victime d'une infâme coquette, et de deux dupes de cette coquette. C'est dans un misérable cancan que s'éteint ma vie.

Oh! Pourquoi mourir pour si peu de chose, mourir pour quelque chose d'aussi méprisable!

Je prends le ciel à témoin que c'est contraint et forcé que j'ai cédé à une provocation que j'ai conjurée par tous les moyens.

Je me repens d'avoir dit une vérité funeste à des hommes si peu en état de l'entendre de sang-froid. Mais enfin j'ai dit la vérité. J'emporte au tombeau une conscience nette de mensonge, nette de sang patriote.

Adieu! j'avais bien de la vie pour le bien public.

Pardon pour ceux qui m'ont tué, ils sont de bonne foi.

E. GALOIS .

Paris , 29 mai 1832.”

“LETTRE A N. L ET A V. D

Paris , 29 mai 1832.

MES BONS AMIS,

J'ai été provoqué par deux patriotes..... Il m'a été impossible de refuser.

Je vous demande pardon de n'avoir averti ni l'un ni l'autre de vous.

Mais mes adversaires m'avaient sommé sur l'honneur de ne prévenir aucun patriote .

Votre tâche est bien simple: prouver que je me suis battu malgré moi, c'est-à-dire après avoir épuisé tout moyen d'accommodement, et dire si je suis capable de mentir, de mentir même pour un si petit objet que celui dont il s'agissait.

Gardez mon souvenir, puisque le sort ne m'a pas donné assez de vie pour que la patrie sache mon nom.

Je meurs votre ami.”

Que de sentimens sont réveillés par ce peu de lignes! Galois s'y découvre; relisez-les ces lignes, et dites-moi s'il ne méritait d'être aimé comme je l'ai toujours fait, et comme j'aime encore son souvenir.

Vous qui n'avez eu que des imprécations pour ce pauvre jeune homme, écoutez la fin de ses deux lettres, et vous aurez des regrets de l'avoir maudit:

“Adieu, j'avais bien de la vie pour le bien public!

Pardon pour ceux qui m'ont tué, ils sont de bonne foi.”

Écoutez encore:

“Gardez mon souvenir, puisque le sort ne m'a pas donné assez de vie pour que la patrie sache mon nom.

Je meurs votre ami.”

De noirs pressentiments poursuivent sans cesse l'homme voué à un désastre prochain; c'est ainsi que, parmi les feuilles de Galois, j'ai vu jetés, au milieu de ses calculs de haute analyse, ces trois vers qui m'ont semblé tracés par des doigts de squelette:

L'éternel cyprès t'environne;
Plus pâle que le pâle automne,
Tu t'inclines vers le tombeau.

Et aussitôt je me suis rappelé ces paroles:

“L'enfant du pauvre, martyrisé par son génie , le cœur comprimé, les bras liés, la tête en feu, s'avance dans la vie, de chute en chute, ou bien de supplice en supplice, vers la morgue ou vers l'échafaud.”

AUGUSTE CHEVALIER.